

OS ANJOS EXES



Glosário Ilustrado sobre Identidade e Expressão de Género:
Uma zine como contributo para a consciencialização em meio escolar

SEXO DOS ANJOS

Glossário Ilustrado sobre Identidade e Expressão de Género:
Uma zine como contributo para a consciencialização em meio escolar

FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Projeto apresentado por Sofia Isabel Chéu Reis,
para a obtenção do grau de Mestre
em Design Gráfico e Projetos Editoriais
realizado sob a orientação do Professor Doutor Júlio Dolbeth
e coorientação da Professora Doutora Rita Alcaire

Porto, setembro 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Júlio Dolbeth, pela confiança e à minha coorientadora, Professora Rita Alcaire, por toda a disponibilidade e dedicação.

Ao projeto KINDER pelo acolhimento da minha investigação, a possibilidade de participar em várias atividades e a publicação do glossário no Manual do projeto para Portugal.

À minha família pela paciência e pelos valores que me transmitiram.

Às minhas amigas Mafalda Monteiro, Rebeca Elvas e Telma Arzileiro por todo o apoio emocional. À Mafalda por acreditar que eu conseguia terminar, à Rebeca pelas pausas de bem-estar, e à Telma por acompanhar o meu estado vital.

Dedicado às amigas que contribuíram para o meu crescimento como pessoa, David, Lara e Pedro, e a quem torna o arco-íris ainda mais colorido.



RESUMO

Em Portugal, nas últimas duas décadas, manifestou-se uma maior atenção à comunidade LGBTQIA+ através da implementação de leis que salvaguardam os seus direitos. É notável o trabalho de diversas instituições, associações e projetos que desenvolvem iniciativas orientadas para a educação LGBTQIA+, no entanto a aplicação prática das medidas legislativas ainda negligencia tópicos como a identidade e a expressão de género no currículo nacional de educação.

Os recursos informativos disponíveis sobre sexualidades, identidades, género e questões LGBTQIA+, dentro e fora do panorama escolar, para estudantes e profissionais de educação, são escassos e com pouca consideração pela diversidade sexual e de género. Esta debilitação perpetua o obscurantismo e a conseqüente discriminação social.

O projeto “Sexo dos Anjos” considera a responsabilidade social do design e da ilustração, procurando partilhar conhecimento sobre identidade e expressão de género com jovens do ensino básico, entre 7 e 12 anos. Através do desenvolvimento de uma zine, procura-se sensibilizar e explorar diversos conceitos, com a intenção de promover um ensino que previna a cultura de preconceito e vise uma abordagem esclarecedora e regular a estas questões.

PALAVRAS-CHAVE

Zine; Ilustração; Identidade e Expressão de Género; Pedagogia Inclusiva na Educação Infantil



ABSTRACT

In Portugal, over the last two decades, there has been a greater focus on the LGBTQIA+ community through the implementation of laws safeguarding their rights. It's notable the work of various institutions, associations, and projects aimed at LGBTQIA+ education, however the practical application of legislative measures still neglects topics such as gender identity and expression in the national education curriculum.

The informational resources available on sexualities, identities, gender, and LGBTQIA+ issues, both within and outside the school environment, for students and education professionals, are scarce and show little consideration for sexual and gender diversity. This debility perpetuates obscurantism and the resulting social discrimination.

The project "Sexo dos Anjos" takes into account the social responsibility of design and illustration, seeking to share knowledge about gender identity and expression with elementary school students, aged 7 to 12. Through the development of a zine, the project aims to raise awareness and explore various concepts, with the intention of promoting education that prevents a culture of prejudice and encourages an enlightening and regular approach to these issues.

KEYWORDS

Zine; Illustration; Gender Identity and Expression; Inclusive Pedagogy in Early Childhood Education



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	14
1.1 O Papel do Design e da Ilustração	15
1.2 Identidade e Expressão de Género	16
1.3 O Contexto Português	19
1.4 Estado da Arte	21
CAPÍTULO II - ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	27
2.1 Estudo de Caso	28
2.2 Trabalho de Campo	33
2.3 Projeto KINDER (2021 / 2023)	38
CAPÍTULO III - PROJETO PRÁTICO	43
3.1 O papel da Zine.....	44
3.2 Processo Editorial e Ilustrativo	44
3.3 Artefacto Final	51
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS	67



INTRODUÇÃO

“Once unmoored from our imaginations, the things we so enthusiastically produce embark on their own tricky odysseys, whereupon they are invariably poised to gain their own momentum, to traffic in their own often unprecedented vulnerabilities.” (Helfand, 2018, p. 137)

A responsabilidade e influência que um projeto de design e ilustração assume perante o contexto em que se insere, deve ser um princípio a considerar na construção de qualquer artefacto. “Designers must be good citizens and participate in the shaping of our government and society. As designers, we could use our particular talents and skills to encourage others to wake up and participate as well.” (McCoy, 2018, p. 267). Mediante esta ponderação que Katherine McCoy estabelece, o projeto “Sexo dos Anjos” averiguou como o design e a ilustração podem desempenhar um papel tanto educativo como social. Utilizadas em inúmeras publicações juvenis e materiais escolares, estas disciplinas devem ser reconhecidas como ferramentas de expressão e recursos auxiliares viáveis ao ensino que funcionam de modo pedagógico. No seu livro “A Utilização Educativa das Imagens”, Isabel Calado reconhece que “só aprendendo a ler e a construir imagens (ensino da imagem), poderemos expressar-nos, comunicar, ensinar através delas.” (Calado, 1994, p. 18) Esta ideia sugere que a educação visual desempenha um papel crucial na capacidade de compreender, transmitir informações e conhecimentos, de aprender a interpretar e criar imagens e é fundamental para expressar, comunicar e ensinar, clarificando a responsabilidade que as áreas artísticas têm no desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Tendo em conta este compromisso, é necessário averiguar como o design e a ilustração se podem incumbir de um papel educativo e social na criação de um objeto editorial. No caso específico deste projeto, de um objeto editorial que responda à necessidade de informação sobre questões de identidade e expressão de género para um público juvenil do ensino básico, entre os 7 e 12 anos, no contexto educativo português. A questão central do projeto “Sexo dos Anjos”, passa por entender a sua pertinência e os desafios que pode encontrar dada a sua intenção social, questionando até que ponto consegue desempenhar o seu objetivo inicial. O argumento do projeto sustenta a potencialidade de construir um objeto que, com estes recursos, responda a uma necessidade social e pedagógica. Com foco no contexto educativo, o desenvolvimento de uma solução entende o tema como responsabilidade de cidadania, e por isso um compromisso do papel social e educativo do design e da ilustração.

A pertinência do tema surge devido à importância de acolher a diversidade sexual e de género e de promover a sua visibilidade nos dias de hoje. O panorama português é atualmente caracterizado por um paradoxo, por um lado a legislação relativa à comunidade LGBTQIA+¹ é uma das mais avançadas da Europa e do mundo, por outro a débil aplicação prática da legislação reflete-se nos recentes esforços para reverter os direitos salvaguardados até hoje, na escassez de informação

1

“Sigla usada para referir de forma conjunta as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, transgénero, transexual, queer, intersexo, assexuais, aliades (vd. aliadas/os/es) + todas as diversas possibilidades de orientações sexuais, identidades/identificações e/ou expressões de géneros.”(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.60).

Nesta investigação, a escolha foi usar a sigla sob esta forma, que considero mais inclusiva. No entanto, em alguns momentos do trabalho, ela aparece de outras formas, como por exemplo em ‘Estudos LGBT’, respeitando a designação habitual associada àquele contexto.

e na falta de formação nas escolas. É fundamental transmitir que o ambiente escolar foi concebido para ser inclusivo e a escola atua como apoio ao desenvolvimento pessoal, por isso o bem-estar e saúde mental devem ser promovidos através da celebração da diversidade sexual e de género. As escolas desempenham um papel essencial na proteção dos direitos das crianças e de jovens, reconhecer e apoiar diversas experiências e identidades, incluindo as de género, é essencial (Alcaire, 2023, p. 69). Deste modo, o foco principal deste projeto concentrou-se na intervenção escolar, com o intuito de promover conhecimento no domínio da identidade e expressão género, fortalecer a cidadania, o desenvolvimento individual de estudantes e de profissionais de educação. Pretendeu-se assim analisar os diferentes recursos sobre género e sexualidades que integram o atual currículo do ensino básico, procurando perceber a que nível deve ser reforçado e como pode beneficiar de uma nova abordagem que amplie o aproveitamento escolar de estudantes, das suas famílias e de profissionais de educação.

As motivações para a realização de um projeto com estas características provêm não só de uma preocupação pessoal, mas social, tal como deve ser a abordagem geral a esta temática. A educação sobre identidade e expressão de género não deve ser apenas uma consideração individual, mas uma reflexão que tome como abordagem uma instrução coletiva que ambiciona integrar diferentes perspetivas e chegar a diferentes grupos. O direito à educação, como um princípio fundamental, deve assegurar que assuntos como o foco deste projeto sejam explorados num contexto escolar seguro, promovendo conhecimento sobre diversos tópicos de formação pessoal e social.

Dessa forma, parti de algumas questões centrais para reflexão: Que representações existem sobre identidade e expressão de género na educação em Portugal? Qual poderia ser a abordagem pedagógica através de um objeto editorial, que usufrua do design e da ilustração? De que modo pode este projeto contribuir para a Educação LGBTQIA+ em meio escolar, motivando uma consciencialização para a atual marginalização de pessoas com identidades e orientações não normativas e promovendo a diversidade? Em suma, estas são as questões problematizadas que motivam os objetivos do projeto: produzir uma publicação que contribua para a visibilidade dos jovens LGBTQIA+ em Portugal, desenvolver uma ferramenta pedagógica que previna a cultura de tabu da temática e estabelecer uma plataforma que suplemente as carências iminentes na educação sobre sexualidade, identidade e género.

A dissertação segue a seguinte estrutura, dividida em três capítulos: O Capítulo I - Enquadramento Teórico, define e reconhece a relevância académica e social do projeto, refletindo sobre o papel do design e da ilustração, delimita a questão sobre identidade e expressão de género como o objeto de investigação, analisa o contexto português como o enquadramento específico em que o projeto se insere, e



estabelece o estado da arte procedendo a catalogação de autorias e projetos pertinentes. O Capítulo II - Estratégias Metodológicas, expõe as metodologias adotadas, abrangendo a análise de estudos de caso, o levantamento de informações do trabalho de campo e a colaboração intrínseca com a equipa portuguesa do projeto europeu KINDER – Desafiar estereótipos de género na educação e na primeira infância: construir uma Pedagogia Inclusiva na Educação Infantil. O Capítulo III - Projeto Prático, apresenta e discute os resultados finais, incluindo a exploração do papel da zine, a descrição do processo editorial e ilustrativo, e o desenvolvimento do artefacto final.



CAPÍTULO I

Enquadramento Teórico

1.1 O PAPEL DO DESIGN E DA ILUSTRAÇÃO

Na realização de um projeto de design, sendo ou não para um contexto educativo, existe intervenção humana que, de certo modo inevitável, é tendenciosa e carregada de valores pessoais. Até que ponto deve então existir uma contribuição e intervenção proativa em assuntos sociais ou políticos do design e da pessoa² responsável pelo design possivelmente tendenciosa?

Katherine McCoy, mediante o ensino e a prática atual de design, explora o seu papel de intervenção social, reconhece o aumento de projetos que abordam problemas sociais realizados por estudantes em belas-artes e problematiza o potencial do design gráfico como ferramenta proficiente, que pode assumir uma função além do quadro comercial e de conteúdos determinados por clientes. McCoy enfatiza a necessidade na formação do designer com compaixão e as suas responsabilidades, consciente das influências que surgem desta atitude ativa do designer, é compreendido que estimular a capacidade de desenvolver conteúdos de motivação pessoal, estabelece um espaço para debater valores e problemas culturais, sociais, políticos e económicos, uma prática tolerante e objetiva que se foca na intenção e pertinência do projeto. “Too often our graduates and their work emerge as charming mannequins, voiceless mouthpieces for the messages of ventriloquist clients. Let us instead give designers their voices so they may participate and contribute more fully in the world around them.” (McCoy, 2018, p. 267).

O Manifesto “First Things First”, publicado em 1964 por Ken Garland e assinado por mais de vinte outras pessoas da área do design, da fotografia e estudantes, previu a preocupação com a função social do design, com a intenção de sublinhar a necessidade de rever as prioridades e o propósito da comunicação do design gráfico (Garland, 1964). Elaborar um projeto de design como se existisse na sua própria dimensão, sem que se insira num contexto ou seja influenciado por ele, é uma metodologia ambígua. Um artefacto que interaja com a realidade, mesmo que seja produzido sem objetivo, pode ser suscetível de assumir e provocar um impacto, sendo que as ramificações que pode tomar são impossíveis de medir e será portanto uma mais valia ponderar o contexto em que será inserido e a intenção que dispõe.

“Many designers may argue that their job is not politics, and they would be right. But this does not prevent us from developing ideas about cultural democracy. We cannot separate our work from the social context in which it is received and from the purpose it serves. If we care about the integrity of our design decisions, we should be concerned that the relations implicit in our communications extend active participation in our culture. If what we are looking for is meaning and significance, then the first step is to ask, who controls the work and whose ends does it serve?” (Howard, 1994)

2

Este projeto pretende contribuir para a inclusividade. Desta forma, como explicado mais à frente, foram tomadas várias decisões práticas, metodológicas, estéticas e linguísticas nesse sentido. De forma a não associar certas profissões ou grupos a um determinado género, optou-se por usar 'pessoa' sempre que possível.



Figura 1. Capa do Manifesto "First Things First"
Fonte: <http://www.designishistory.com/1960/first-things-first/>

Contemplando o design como uma atividade interdisciplinar, que deve ser consciente do que o rodeia e que se valoriza por se interligar com diferentes disciplinas e contextos, este projeto pretendeu reconhecer carências sociais existentes procurando diluí-las. Dessa forma, “Sexo dos Anjos” encara a pessoa responsável pelo design e pela ilustração como agente de cidadania ativa e elemento de uma comunidade, assume e adquire um papel de intervenção, consciente ou não desse papel. Como aborda Steven Heller, “(…), “goodness” is subjective and one can be a good (or great) designer without necessarily being a good citizen. But if good design (regardless of style or mannerism) adds value to society, by either pushing the cultural envelope or maintaining the status quo at a high level, then design and citizenship must go hand in hand.” (Heller, 2018, p.10).

Tendo em conta os assuntos compreendidos pelos estudos de género como questões sociais cada vez mais exploradas e problematizadas contemporaneamente, apresenta-se a adequação do design e da ilustração, não como solução indefetível, mas como recursos que, para além da sua utilidade comunicativa, devem assumir um objetivo e consciência social nos projetos desenvolvidos. Encarando as falhas na comunicação sobre identidade e expressão de género, a dificuldade em inserir a temática no ambiente escolar e a posição controversa do público geral, considera-se a pertinência de novas formas de exploração do tema que visem não só o enriquecimento pedagógico dos jovens, mas também uma divulgação para figuras parentais e cuidadoras e professores que demonstram alienação a este conteúdo.

1.2 IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÉNERO

Esta secção do primeiro capítulo compreende a exposição de noções sobre identidade e expressão de género, e de que modo estes conceitos são investigados e teorizados. Como fundamentação é apresentado o enquadramento teórico segundo o discurso no campo académico da teoria queer³.

Enquanto contexto introdutório é pertinente a referência aos estudos de género, um campo de estudo interdisciplinar, que inclui os estudos feministas, os estudos sobre as mulheres, estudos das masculinidades, os estudos LGBT e os estudos queer. (Santos et al., 2017, p.1) No sentido de problematizar questões sociais os estudos de género refletem acerca de conceitos como género, identidades, sexualidades, etnia, nacionalidade e religião. Christie Launius e Holly Hassel no livro “Threshold Concepts in Women’s and Gender Studies” compreendem a matéria abordada em estudos de género mediante quatro conceitos fulcrais, a construção social de género, privilégio e opressão, interseccionalidade⁴ e práxis feminista. (Launius & Hassel, 2018, p. 4) Por sua vez, os estudos queer podem ser ponderados segundo a exposição de Meg-John Barker e Julia

3

“The word “queer” has had many different meanings in different times and places. It originally referred to strangeness or difference and became a term of abuse. It has since been reclaimed as a positive word. It can operate as an umbrella term for people outside of the heterosexual norm, or for people who challenge the LGBT (...) “main-stream”. It can also be a way of challenging norms around gender and sexuality through different ways of thinking or acting.” (Barker & Scheele, 2016, pp. 21-23)

4

“Intersectionality is a theoretical framework that posits that multiple social categories (...) intersect at the micro level of individual experience to reflect multiple interlocking systems of privilege and oppression at the macro, social-structural level (...).” (Launius & Hassel, 2018, p. 9)

Scheele em “Queer: A Graphic History”, distinguindo o seu contributo para a conversa sobre género ao expandir as perspetivas para além do panorama binário e heteronormativo, tendo uma abordagem crítica sobre sexualidade, notabiliza a incorporação e ponderação acerca de diversas conceções de sexualidade e identidade. A teoria queer emerge perante estes estudos e os conteúdos investigados, com o propósito de ser um campo de teoria crítica que aprofunda e questiona diferentes perspetivas e conceções contemporâneas (Barker & Scheele, 2016, pp. 45-47). Enquanto abordagem teórica procura existir como lente que sujeita diferentes disciplinas e discursos a estratégias queer, esta pretensão salvaguarda abertura a múltiplas compreensões de outro modo negligenciadas. (Watson, 2005, p. 69) A interpretação do termo queer é proposta como uma noção disruptiva, do que é diferente, fluído, fora das normas estabelecidas e difícil de definir. Deste modo a teoria queer integra a discussão sobre sexualidade, identidade e género, onde contesta, problematiza, escrutina noções estipuladas e revela as limitações das distinções binárias (Watson, 2005, pp. 73, 74).

“Queer life and queer politics were to embrace hippy, punk, anarchist, anti-capitalist, anti-social ‘rebel’ identities that oppose the regulations of the Law. Queer was (and is) a calling for a working together to overthrow ‘mainstream’ thinking and articulate ‘alternative’ lifestyles. In terms of gender, queer revisits and revises the categories of ‘man’ and ‘woman’ as fixed, essential single identities.” (Stewart, 2017, p. 62). Na publicação “Critical and Applied Approaches in Sexuality, Gender and Identity”, Jay Stewart descreve o desenvolvimento da teoria queer e o seu panorama histórico. As questões de género começam a ser exploradas no campo científico a partir do séc. XIX, e as inconformidades de género⁵ surgem condicionadas perante posições do domínio médico, científico e psicanalítico.

Deste contexto e mediante posições políticas, culturais e sociais da época, surge uma patologização. (Stewart, 2017, p. 55) No séc. XX começa a apresentar-se uma mudança, a experiência trans é reconhecida através de bases ativistas e das suas comunidades, afastando a interpretação diagnóstica de síndrome ou condição médica para quem não se enquadrava nas construções restritas de género. Esta abertura concede um espaço que compreende a distinção entre sexo e género, a identidade de género e a sua expressão são apreendidos como experiências pessoais, segundo o contexto cultural e social e como vivências de cada pessoa. O género começa a ser entendido como algo construído, um conjunto de ações, que neste sentido não é inato, mas performativo (Stewart, 2017, pp. 56,57). Stewart aborda a importância do pensamento de Foucault, e como mudou o panorama destas questões, percebendo que não existem verdades universais, mas que o conhecimento é muitas vezes naturalizado cultural e historicamente, influenciando a nossa forma de interpretar e estabelecer normas e códigos sociais. “Identity in Foucault’s writings, is therefore clearly

5

“Gender variance is a term that describes more a set of behaviours rather than categorising an identity in and of itself and for this reason can be productive. In addition, gender variance is often used to describe the behaviours of children and young people who are not currently identifying themselves as non-binary, trans, or using other words more commonly understood as identity categories. There are medical connotations to the expression however, as it does have a history within medical discourse.” (Stewart, 2017, p. 68)

culturally and historically constituted (as opposed to a view of 'human nature' as ahistorical)" (Watson, 2005, p. 70). Deste modo entende-se o conceito de género para além do panorama científico, ao participar de forma crítica com diferentes áreas de conhecimento, considerando que não existe um conceito do que é normal, que as nossas conceções são uma consequência do que é construído e estabelecido socialmente.

Perante estas perspetivas, a teoria queer surge no campo académico de modo a contribuir para esta estratégia de pensamento que questiona e problematiza o que se institucionalizou como sendo um facto. São estas noções que vêm acompanhando o trabalho de várias pessoas que teorizam sobre estes temas. Uma referência incontornável é Judith Butler reconhecida como das principais autoras contemporâneas em torno dos estudos de género e da teoria queer. No seu livro "Gender Trouble", Butler aborda o conceito de género, a conceção de homem e mulher, a codificação destes termos, como são elaborados perante um sistema binário e heteronormativo (Stewart, 2017, pp. 58, 59). A sua abordagem entende-se ao questionar as categorias de género, como nos tornamos nós próprios, como expressamos o nosso género e criamos a nossa identidade segundo a repetição de atos específicos associados a conceções sociais de género. Butler explora as diferentes problemáticas inerentes a estes conceitos e entende a conceção de género como uma performance, "(...) our gender is our expressions and behaviours (rather than those expressions and behaviours being the result of some underlying gender identity). Like sexuality, gender is what you do, not who you are." (Barker & Scheele, 2016, p. 162) No capítulo "The Social Construction of Gender", Launius e Hassel demonstram como esta abordagem sobre o conceito de género rejeita a binariedade de sexo e género. Sendo que esta conceção é também socialmente construída, suprimindo a existência da comunidade intersexo⁶, que descarta a ideia de que só existem dois sexos e dois géneros e de que estes conceitos são equivalentes e inalteráveis (Launius & Hassel, 2018, p. 33). Neste sentido, a "gender schema theory" de Sandra Bem desenvolve que a estipulação de género de uma criança é socialmente construída, ao internalizar papéis sociais de género, resultando da observação de indivíduos na sua cultura, que divide atributos, atividades e ações típicos de masculino ou feminino (Barker & Scheele, 2016, p. 88).

A conversa sobre género é complexa. Apesar de ser um elemento constante na nossa experiência social, é um conceito mutável, descrito segundo as influências contextuais em que se insere. A exploração da teoria queer acerca deste conceito procura entender e questionar como a sua conceção é socialmente construída, através de regras estabelecidas culturalmente, que se regem por sistemas de privilégio e opressão. Conforme a "gender schema theory" de Sandra Bem desenvolve, a estipulação de género de uma criança é socialmente construída, ao internalizar papéis sociais de género, resultando da observação de indivíduos na sua cultura, que divide atributos, atividades e ações

6

"Intersexo - termo usado para descrever uma pessoa com um conjunto de características sexuais, que não encaixam nos conjuntos de características sexuais expectáveis das categorias binárias de sexo/género atribuído à nascença. O conceito de intersexo engloba uma grande variedade de possibilidades, podendo traduzir variações ao nível dos órgãos sexuais internos, externos, cromossomas, e/ou níveis hormonais." (Teixeira, et al., 2021, pp.55,56)

típicos de masculino ou feminino (Barker & Scheele, 2016, p. 88). Neste sentido, o próximo ponto procura compreender como estes assuntos são explorados no contexto português, qual é o panorama cultural, social e político do nosso país em relação a esse tema, quais são as implicações e abordagens no espaço educativo para os mais jovens e que preocupações surgem neste contexto.

1.3 O CONTEXTO PORTUGUÊS

Como já foi referido neste trabalho, Portugal tem um contexto legislativo muito avançado em relação à protecção de questões de género e diversidade. Em 2018 foi aprovada a “Lei n.º 38/2018 - Direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e à protecção das características sexuais de cada pessoa”. (Lei n.º 38/2018, 2018) Um marcador político que alude à emergência de integração e de combate à discriminação, reconhece a conversa em torno da identidade e expressão de género como uma continua exploração não só no campo académico, mas também como uma reflexão que devemos desempenhar de forma coletiva, considerando diversas abordagens pessoais que nos formam enquanto indivíduos ativos na comunidade.

A Educação Sexual foi legislada em Portugal no ano de 2009, como disciplina integrante do currículo do ensino obrigatório, no entanto, os recursos informativos, físicos e online, disponíveis para crianças e jovens, são ainda escassos e com pouca contemplação de estudos de género e assuntos LGBTQIA+.

As leis que preveem assegurar os direitos da comunidade LGBTQIA+, em Portugal, passam cada vez mais pelo debate e agenda política, desde a legalização do casamento civil e adoção por pessoas do mesmo sexo, em 2010 e 2015 respetivamente, é perceptível uma maior visibilidade destes temas. Já na educação existiu uma certa reestruturação do currículo, com a legislação da educação sexual, em 2009, como integrante do currículo do ensino escolar obrigatório, com o intuito de inculcar no programa educacional “a valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa” (Lei n.º 60/2009, 2009). No entanto é de notar que a iniciativa aconteceu há pouco mais de 10 anos, sentindo-se que, apesar desse passo, existe ainda muito por abordar, pois o que se verifica é que os assuntos LGBTQIA+ permanecem negligenciados no programa curricular.

No ano letivo de 2018/2019 foi implementada a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC), que prevê “como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como



de suprimir os radicalismos violentos.” (DGE, 2016). Contudo ambos os decreto-lei que estabelecem as linhas orientadoras da planificação das disciplinas de E.S.⁷ e C.D.⁸ negligenciam o tema da identidade e expressão de género.

Para além do registo de que as horas estipuladas no currículo de E.S. não são cumpridas (Guedes, 2019), é documentada a continua violência e discriminação de jovens LGBTQIA+ em ambiente escolar (Pizmony-Levy et al., 2016/2017), a pouca reforma legislativa e formação de docentes no âmbito de assuntos LGBTQIA+ (Ávila, 2018). Em 2020, sentiu-se ainda a revolta pública por parte de encarregados de educação, que questionaram os assuntos abordados na disciplina de C.D., impedindo os filhos de frequentar as aulas⁹. Essa decisão resultou numa petição que alega os tópicos abordados como incumbência da família, sendo o currículo atual ditatorial e abusivo por parte do estado (Marques, 2020).

No Estudo Nacional Sobre o Ambiente Escolar para Jovens LGBTQIA+, realizado em 2016/2017 pela ILGA¹⁰, 27,9% dos inquiridos sentem insegurança na escola devido à sua expressão de género, 45,7% ouvem comentários negativos por parte de docentes e não docentes, 66,6% foram alvos de agressões verbais por causa da sua expressão de género e 25,7% por causa da sua identidade de género, 7,7% foram vítimas de agressões físicas por causa da sua expressão de género, 74,9% nunca assistiu a uma abordagem positiva sobre questões LGBTQIA+ nas aulas, apenas 26,4% afirma que foi incluída informação específica sobre orientação sexual ou identidade e expressão de género e 19,5% das situações em que existem políticas ativas de prevenção do bullying abrangem a orientação sexual ou identidade e expressão de género (ILGA Portugal, 2020).

Em 2019, o relatório anual da ILGA, sobre discriminação contra pessoas LGBTI+, continua a registar violência e discriminação, reconhecendo que “as evidências parecem demonstrar que o caminho para o combate à discriminação passa por mudanças no plano legal, com impacto direto no quotidiano e proteção de muitas pessoas, mas também por um reforço de medidas de educação, formação e sensibilização (...)” (ILGA Portugal, 2020, p. 47). Neste sentido é inequívoca a necessidade de recursos que contribuam para a visibilidade LGBTQIA+ em ambiente escolar, compreendendo o papel da escola na formação de estudantes como indivíduos inserido na sociedade que, desse modo, deve receber as ferramentas e conhecimentos para exercer os seus direitos e deveres, a sua liberdade sem libertinagem, tomando a educação como um fator essencial para a sua formação pessoal e social, tornando-se fundamental integrar noções sobre identidade e expressão de género.

7

“Educação Sexual

8

Cidadania e Desenvolvimento – Disciplina em que se previa a implementação da ENEC

9

Para mais informações sobre um dos casos mais mediáticos referentes a este tema, consultar: <https://www.dn.pt/sociedade/caso-cidadania-tribunal-de-menores-de-familicao-decide-destino-dos-alunos-15439280.html> (DN/Lusa, 2022)

10

“Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo é a maior e mais antiga associação que luta pela igualdade e contra a discriminação das pessoas LGBTI+ e das suas famílias em Portugal.” (ILGA Portugal, 2023)

1.4 ESTADO DA ARTE

Ao identificar as carências no sistema educativo, quais podem ser os reforços de formação e sensibilização? Pode uma publicação oferecer visibilidade à juventude LGBTQIA+ e garantir uma exploração positiva de questões de identidade e expressão de género no sistema escolar? De modo a compreender a viabilidade desta perspetiva, são registadas e exploradas diferentes publicações que foram desenvolvidas neste sentido. O mapeamento de diferentes exemplos realça o período temporal em que estes assuntos começaram a ser explorados, os diferentes conteúdos abordados dentro da mesma temática, as múltiplas perspetivas e resultados práticos, bem como a intenção e pertinência do design e da ilustração na criação destes recursos.

“O LIVRO DO PEDRO (MARIA DOS 7 AOS 8)”

Texto e Ilustração de Manuela Bacelar

Edições Afrontamento; 2008

Publicação infantojuvenil, indicada para crianças dos 6 aos 10 anos.

Considerada uma publicação pioneira, “O Livro de Pedro” foi o primeiro conto infantil publicado em Portugal, por uma escritora e ilustradora portuguesa, a retratar uma história sobre a comunidade LGBTQIA+. A narrativa é construída pela personagem principal Maria, que conta como foi adotada por Pedro e Paulo, um casal de pessoas do mesmo sexo. Maria descreve à sua filha a infância que teve e o quotidiano com os seus pais. O livro desmistifica os papéis socialmente associados a Pais e Mães, representando novas formas de parentalidade e diversidade de relações e sistemas familiares. O livro, publicado em 2008, antes da integração da disciplina de Educação Sexual nos currículos escolares e do casamento civil e adoção por pessoas do mesmo sexo serem legislados, motivou uma atmosfera polémica devido ao seu carácter precursor, que a autora insistiu em desmistificar.

“OS VESTIDOS DE TIAGO”

Texto e Ilustração de Joana Estrela

Edição de autor; 2013

Publicação infantil

Concebido por Joana Estrela para um concurso da ILGA sobre livros infantis, “Os vestidos de Tiago” é uma zine que retrata como Tiago recebeu cada um dos seus vestidos. A narrativa enfatiza o orgulho e o carinho que Tiago tem por cada um deles e pelo seu guarda roupa, assegura que há mais meninos como ele e que não está sozinho. A representação de um menino que gosta de usar vestidos e a afirmação de que existe uma comunidade como ele, reforça com empatia a pluralidade deste tipo de experiências. Ao refletir sobre a conceção

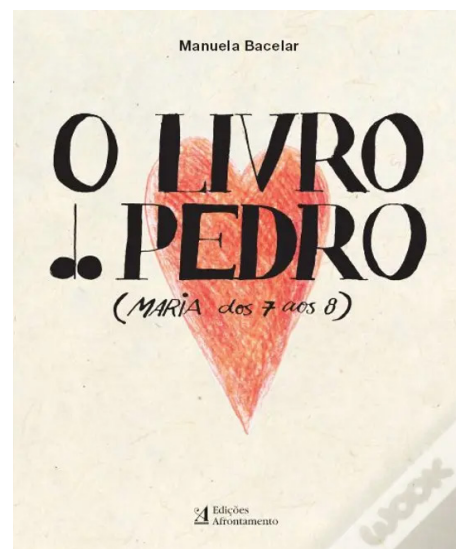


Figura 2. Capa do livro "O Livro do Pedro" (2008) Fonte: <https://www.wook.pt/livro/o-livro-do-pedro-manuela-bacelar/201297>



Figura 3. Capa do livro "os vestidos de Tiago" (2013) Fonte: <https://observador.pt/2019/01/18/dos-livros-infantis-as-zines-lgbt-este-e-o-mundo-ilustrado-de-joana-estrela/>

binária de expressão de género e a codificação de certos tipos de roupa para cada género, este exemplo renuncia essa divisão, contribuindo para a naturalização da expressão pessoal de cada pessoa, para além de conceções cisheteronormativas impostas desde a infância.

“AS GAVETAS DO MUNDO (UM LIVRO PARA DESARRUMAR IDEIAS)”

Texto de Ana Abreu e Mafalda Araújo e Ilustração de Fran Junqueira

Edições SimplesMente; 2018

Publicação infantojuvenil

Ana Abreu com formação na área da Psicologia, e Mafalda Araújo que seguiu pelo campo da Sociologia, focam a sua investigação na questão da igualdade de género. Desenvolveram o livro “As Gavetas do Mundo (Um livro para desarrumar ideias)”, com o objetivo de criar uma ferramenta pedagógica, que possa ser trabalhada por figuras parentais, cuidadoras e profissionais de educação (PPL, 2017). Ao expandir as perspetivas sobre a socialização de género a que as crianças estão expostas, a narrativa e as atividades a desenvolver pretendem estimular uma reflexão sobre questões de cidadania. As duas personagens do livro, Isabel Isopia e o seu amigo, põem em causa as gavetas do mundo e desafiam as estipulações pré-concebidas do que os rodeia. Ao desarrumarem as gavetas, num exercício de descoberta, percebem que para se conhecerem a si próprios e a quem os rodeia, precisam de tirar as ideias das gavetas e respeitar a individualidade de cada um. Perante a sua intenção social, o livro foi desenvolvido através do trabalho com crianças da Escola do Sol no Porto e financiado através do programa “Mundar” promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Programa Escolhas.

Os dois exemplos seguintes, fazem parte do Plano Nacional de Leitura (PNL 2017-2027), uma iniciativa governamental aprovada em 2006 e renovada em 2017 por mais dez anos. Esta resolução surgiu em resposta aos baixos níveis de literacia, particularmente, de jovens em Portugal. Com o objetivo de implementar estratégias que promovam os hábitos de leitura, o Plano tem como foco a comunidade escolar, a principal fonte de promoção destas competências. Os recursos selecionados e desenvolvidos pelo PNL, são listados como orientações e instrumentos metodológicos a serem promovidos a nível nacional pelos diferentes municípios, agrupamentos escolares, redes de bibliotecas públicas e escolares e pelos respetivos educadores, professores, pais, bibliotecários, entre outros. Em 2017, a nova etapa do PNL visa a integração social através da leitura, uma competência de enriquecimento cultural indispensável, salientando a sua importância por assegurar o acesso democrático à informação, ao conhecimento e à promoção de uma postura ativa de cidadania e coesão social. (PNL 2027, 2017)



Figura 4. Capa do livro "As Gavetas do Mundo" (2018) Fonte: <https://www.orfeunegro.org/blogs/baoba-livraria/as-gavetas-do-mundo-lancamento-c-as-autoras>

“TODOS FAZEMOS TUDO”

Texto e Ilustração de Madalena Matoso

Planeta Tangerina; 2014

Publicação infantil, indicada para crianças dos 3 aos 8 anos

Este álbum ilustrado consiste num conjunto de desenhos cortados ao meio, dividindo várias personagens e atividades. A ausência de texto requer que quem lê percorra e folheie múltiplas páginas, originando novas ilustrações da mesma personagem a realizar diferentes atividades. A finalidade deste formato é explorar, tal como o título indica, como todas as pessoas podem fazer de tudo, independentemente da sua identidade e dos preconceitos que associamos a diferentes representações de género. O livro é acompanhado por um documento com propostas de exploração para figuras parentais e profissionais de educação, de modo a desmistificar preconceitos e promovendo a reflexão sobre diversos assuntos como igualdade, identidade e expressão.



Figura 5. Capa do livro "Todos Fazemos Tudo" (2014) Fonte: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/todos-fazemos-tudo/>

“A HISTÓRIA DA JÚLIA E DA SUA SOMBRA DE MENINO”

Texto de Christian Bruel, Ilustração de Anne Bozellec e Tradução de Maria Afonso

Orfeu Negro; 2021

Publicação infantojuvenil, indicada para crianças dos 6 aos 11 anos. Uma característica pertinente deste exemplo é a de que se trata de uma reedição de um álbum original de 1976. Com o título original “*Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon*”, é uma publicação francesa considerada revolucionária com mais de quarenta anos. A tradução portuguesa foi publicada em 2021, e adicionada ao PNL, proporciona a acessibilidade do público infantojuvenil ao conteúdo a que o livro se dedica. A narrativa conta a história de Júlia, que um dia descobre na sua sombra um menino. É uma criança que tem dificuldade em corresponder às expectativas que lhe são impostas. O livro explora de forma poética a experiência de Júlia e o seu percurso de autodescoberta. A representação de crianças transgénero é escassa em livros infantis, assim é de destacar este conto, que desafia estereótipos e revela uma perspetiva importante sobre identidade sexual e identidade e expressão de género na infância.



Figura 6. Capa do livro "A História da Júlia e da sua sombra de menino" (2021) Fonte: https://www.orfeunegro.org/products/a-historia-da-julia-e-da-sua-sombra-de-menino?_pos=1&_sid=27fc9d8c4&_ss=r

“MENINOS, MENINAS E NAS ENTRELINHAS”

Texto e Ilustração de Filipa Namorado

IPCA Instituto Politécnico do Cávado e do Ave; 2020

Este álbum ilustrado é o projeto prático da dissertação de mestrado de Filipa Namorado. O seu objetivo passa por explorar a representação visual de género na literatura ilustrada infantojuvenil. Explora, da mesma forma que a presente dissertação, qual pode ser o papel da ilustração na compreensão da diversidade de género. Reconhecendo a mesma ausência na literatura infantil e na sua vertente educacional, propõe novas estratégias de representação de género e desenvolve um livro que ilustra diferentes conceitos sobre identidade e expressão de género. Tem como foco a subversão do desenho de personagens, especificamente da sua roupa e figura humana muitas vezes codificada por estereótipos. “Meninos, Meninas e nas Entrelinhas” apresenta-se como um trabalho de investigação académica, que evidencia a pertinência deste tipo de projetos, demonstra a emergência de representação e tradução de conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ para o público infantojuvenil e para o sistema educativo.



Figura 7. Capa do livro "meninos, meninas e nas entrelinhas" (2020) Fonte: <https://filipanamorado.com/meninos-meninas-e-nas-entrelinhas>

“ISTO NÃO É UM GLOSSÁRIO: IN/DEFINIÇÕES DE GÉNEROS E SEXUALIDADES”

Autoria de Teresa Teixeira, Rita Grave, Rita Aires, Carmo G. Pereira
gentopia - Associação para a Diversidade e Igualdade de Género; 2021

O último exemplo não utiliza ilustração, mas é relevante para o projeto por ser uma publicação que compila conceitos sobre sexualidades, entre eles vários ligados a identidade e expressão de género, com diversas qualidades a reter no desenvolvimento do projeto prático desta dissertação. A produção, desenvolvida pela associação gentopia, no âmbito do projeto DiverGenteS - Ações Afirmativas pela Diversidade, afasta-se da conotação de glossário logo na forma como se enuncia no título e na apresentação inicial, com a intenção de evidenciar que os conceitos apresentados não existem de um modo estático e fechado, mas sim fluido. Dessa forma, deixa também em aberto a participação da comunidade de leitura da obra, que pode acrescentar ou contestar o seu conteúdo. Evitando uma opressão das definições rígidas, a publicação expressa um contínuo exercício de des/construção de termos, assume-se como um projeto inacabado que estará sempre em transformação. Em adição à utilização de linguagem inclusiva e de género neutro, é demonstrado um grande cuidado e coerência no tratamento e utilização de diferentes definições e conceções.

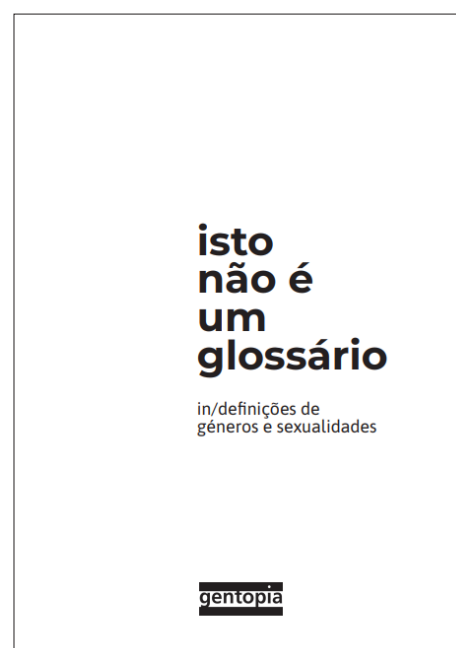


Figura 8. Capa do livro "isto não é um glossário" (2021) Fonte: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136001/2/492883.pdf>

Os sete exemplos apresentados, evidenciam como a articulação de múltiplas áreas de conhecimento e a utilização de diferentes métodos e técnicas visuais e artísticas, têm potencial para traduzir e interpretar conteúdos sobre género para um público infantil. Através de diferentes abordagens de géneros literários, design editorial, design gráfico, ilustração, entre outros, são concebidos projetos que conseguem comunicar e traduzir assuntos da mesma temática de múltiplas formas; incentivando a exploração, problematização e descoberta de conceitos muitas vezes complexos e desconhecidos ao público a que se dirigem. Segundo esta análise, é perceptível o esforço de diversas pessoas responsáveis pelos textos, ilustração, design associações e iniciativas em expandir a oferta de diferentes recursos à comunidade escolar, contribuindo na consciencialização e construção de um sistema educativo sem preconceitos.



CAPÍTULO II

Estratégias Metodológicas

2.1 ESTUDO DE CASO

A análise realizada no estado da arte deste projeto identificou diversas publicações em que se reconhece a utilização do design e da ilustração, como ferramentas de expressão e recursos auxiliares viáveis ao ensino. Quando para um público juvenil, as narrativas ilustradas e a ilustração em si são utilizadas em inúmeros livros e materiais escolares, que funcionam de modo pedagógico. Esta predisposição, revela como designers e ilustradores estão conscientes do papel social inerente ao seu trabalho, por meio da sua motivação e expressão pessoal, aplicam as suas competências e habilitações para desenvolver trabalho autoral sobre preocupações e assuntos sociais.

Os três estudos de caso abordados neste capítulo, desenvolvidos por pessoas responsáveis pelo design e ilustração, são estudados aprofundadamente, sendo que se apresentam como exemplos singulares de recursos que abordam identidade e expressão de género. As estratégias de comunicação utilizadas desdobram-se entre elaborações mais concretas ou mais abstratas, recorrendo à componente gráfica como metodologia pedagógica promotora de diferentes abordagens. A análise destes projetos, passa por compreender a sua temática, a abordagem adotada para a desenvolver e o seu objetivo, bem como a caracterização da sua estratégia editorial e das expressões e técnicas gráficas utilizadas.



“A QUICK & EASY GUIDE TO QUEER AND TRANS IDENTITIES”

Texto e Ilustração de Mady G. e J. R. Zuckerberg

Limerence Press, Inc.; 2019

A novela gráfica “A Quick & Easy Guide to Queer and Trans Identities”¹¹, de Mady G. e Jules Zuckerberg, ambas pessoas ilustradoras, desempenha literalmente o seu título ao ser um guia sucinto e simples sobre identidade de género. A narrativa constrói um caminho de descoberta do mundo queer e Trans, abordando não só identidade e expressão de género, mas também uma ampla compilação de terminologia queer, assuntos como disforia de género, sexualidade e o processo de coming out (conhecido como saída do armário em português). O livro tem um propósito educativo, com o cuidado de manifestar a multiplicidade de perspetivas sobre os diversos assuntos, concedendo espaço para diferentes interpretações e sentidos íntimos que cada pessoa compreende através da sua experiência individual. Na introdução é expressa a motivação pessoal que incitou Mady G. a criar o livro, manifestando a carência de materiais como este que aspirem a criação de algo que se identifique com as pessoas que procuram esta informação e que vise a divulgação do tema para um público abrangente: “This is a book meant for people with all levels of experience with queer identification, (...)” (Mady G. & Jules Zuckerberg, 2019, p.8).

O mundo de fantasia criado neste livro acolhe quem lê num lugar “seguro” no qual a personagem principal nos guia entre toda a incerteza, e procura explicar diferentes conteúdos sobre a comunidade LGBTQIA+. Sendo o livro ilustrado por artistas, os seus relatos conjugam-se ao alternarem periodicamente em cada capítulo, algo que funciona bem em formato de banda desenhada, permitindo uma divisão clara entre as duas intervenções. As ilustrações de Mady G. introduzem e impulsionam a narrativa ao longo do livro, acompanhada pela perspetiva de Zuckerberg que estabelece uma narrativa paralela, mas contextualizada na temática abordada em cada capítulo. Os estilos ilustrativos são distintos, mas complementam-se não só pela associação narrativa, mas pela paleta de cores. Predominantemente, Mady G. utiliza tons rosa e Zuckerberg tons azuis, mas incorporam sombras com tons roxos e brilhos amarelados.

A escolha deste conjunto de cores remete para a bandeira trans, sendo a autoria do livro de pessoas da comunidade LGBTQIA+. Para além desta perspetiva, como grande parte da narrativa é ilustrada em tons rosa, existe quase a criação de um “mundo cor-de-rosa” em que a história acontece, proporcionando um espaço algo utópico, acolhedor e empático para abordar a temática e receber quem lê. Algo particular deste exemplo parte da personagem principal, visto que é um animal quem orienta o percurso narrativo, especificamente, um caracol. Na literatura infantil é comum a representação de animais, utilizando as suas características específicas como analogias para traços humanos. Nomeadamente, as fábulas são composições literárias que utilizam

11

A versão original do livro é em inglês e ainda não existe tradução portuguesa.

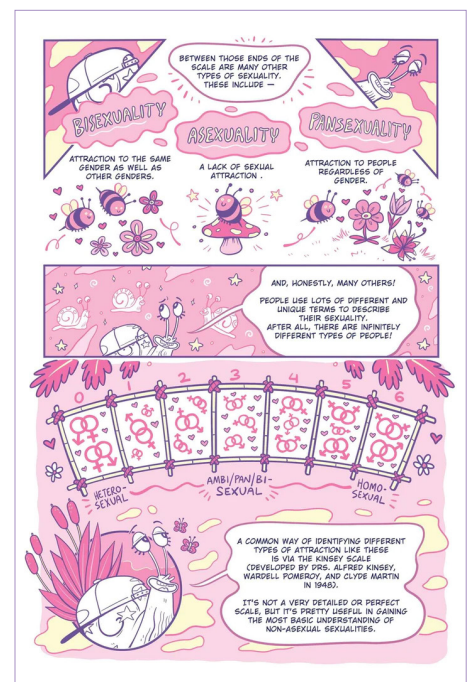
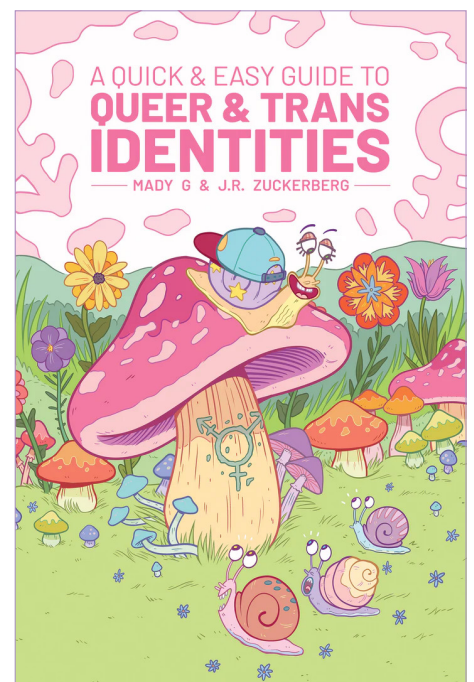


Figura 9 e 10. Capa e ilustração do livro "A Quick & Easy Guide to Queer and Trans Identities" (2019) Fonte: <https://onipress.com/products/a-quick-easy-guide-to-queer-trans-identities>

este recurso comparativo, muitas vezes através da ilustração, com uma intenção pedagógica. Neste caso é possível depreender a referência simbólica do caracol pelos seus atributos reprodutivos, sendo um animal que possui dois sexos, é possível entender a intenção de naturalizar a conceção de sexo como algo que não se restringe a uma binariedade, existindo vários exemplos dessa fluidez. Para além deste recurso visual, a utilização da infografia é conciliada com a ilustração, a tradução estruturada da informação de forma visual facilita a sua compreensão. Aqui as suas qualidades ilustrativas refletem o conteúdo tratado, incorporam a narrativa e a ilustração integral de modo a expressar a matéria tratada como um todo.

“MENINO MENINA”

Texto e Ilustração de Joana Estrela
Planeta Tangerina; 2020

“Menino Menina” de Joana Estrela, é uma publicação já inserida no PNL2027, apresenta-se como um livro ilustrado, que com um certo cunho poético, aborda a temática de género e identidade através da ilustração. Esta é uma temática explorada de forma recorrente pela autora, do qual é exemplo o livro “Os Vestidos de Tiago” analisado previamente (ver 1.2 Estado da Arte). O livro não pretende descrever definições ou responder a perguntas, mas sim colocá-las enquanto expressa uma representação subjetiva e abrangente, do vasto e em contínua expansão, conceito de género. Tanto a ilustração e o texto são elementos importantes do livro, que existem em conjunto e se complementam. A autora trabalha o vocabulário contrapondo os pronomes binários, que dominam a língua portuguesa. Indicado para uma faixa etária dos 6 aos 11 anos, o livro classificado como literatura infantil, apela a um contexto de pré-leitura e leitura inicial, não só pela facilidade de compreensão textual, mas principalmente, pelo seu “registo que combina humor e sensibilidade.” (Planeta Tangerina, n.d.) As possibilidades explorativas e educativas que apresenta, cativam um público mais abrangente e mais adulto, como pais e educadores, que pretendam interpretar e usar este recurso como ferramenta pedagógica no estudo de questões de género.

A ilustração representa figuras simples, existindo uma preocupação em afastar indicadores normativos de género, que o texto põe em causa e incita à reflexão sobre o preconceito social que associamos a certos códigos destinados a algo tendencialmente feminino ou masculino. “Os personagens perguntam “Quem é o quê?” e na página seguinte lembram-nos de que não está nos olhos de quem vê. Não há resposta. O leitor não sabe. E é ok não saber.” (Estrela, 2020). O estilo ilustrativo contribui na caracterização abrangente e flexível de cada figura humana, o traço livre desenha personagens pouco pormenorizadas, que frisam a noção de que a identidade de género de cada um não é algo que possa ser, instantaneamente, depreendido de uma assimilação externa. A cor é um

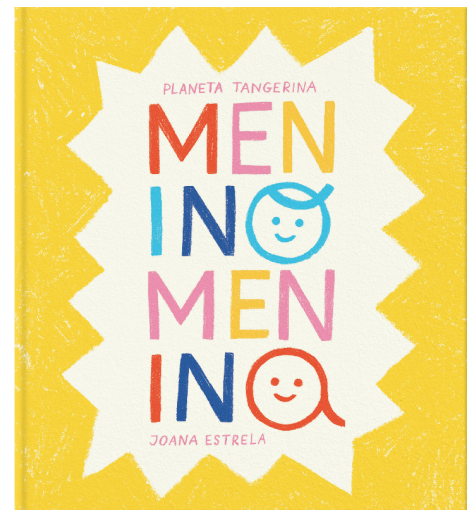


Figura 11, 12 e 13. Capa e ilustração do livro “Menino Menina” (2020) Fonte: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/menino-menina/>

elemento importante em toda a ilustração da narrativa, a manipulação de um conjunto abrangente de cores através da sobreposição, simulando o efeito de risografia, e da textura incorporada, confere uma pluralidade cromática de tons e combinações. Esta característica, de certo modo, alude à diversidade quando falamos de identidade e expressão de género, do mesmo modo que este simbolismo visual é utilizado na bandeira LGBTQIA+, sendo mesmo reiterado no livro que “entre gosto e cores, cada um com os seus amores.” (Estrela, 2020, p.16) Toda a expressividade ilustrativa do livro dispõe de uma abstração, que proporciona a reflexão sobre sentimentos, conceitos e conceções subjetivas. A questão de género é ainda um assunto pouco explorado e que dentro da sua complexidade não é algo estático, os termos e assuntos explorados estão em constante evolução e transformação, assim o livro dentro de uma abertura interpretativa possui uma pertinência duradoura.

“GLOSSÁRIO FEMINISTA ILUSTRADO”

Exposição, Texto e Ilustração
de Beatriz Costa, Filipa Namorado e Margarida Ferreira
Casa da Esquina; 2022

A exposição “Glossário Feminista Ilustrado”, apresenta um conjunto de ilustrações de diversos conceitos e palavras-chave sobre feminismo e questões de género. Amargo (Margarida Ferreira), biakosta (Beatriz Costa) e Filipa Namorado, são artistas que desenvolvem trabalho na área do design e da ilustração, percorrendo diversas preocupações sociais, entre elas questões referentes à comunidade LGBTQIA+. A dissertação de mestrado, Meninos, Meninas e nas Entrelinhas, de Filipa Namorado é um destes exemplos, analisado no capítulo anterior (ver 1.2 Estado da Arte). O ponto central desta exposição é feminismo, um tópico que existe de forma interseccional com outras preocupações sociais, como identidade, género, sexualidade, etnia, classe, idadeísmo¹² e capacitismo¹³. Num conjunto de 21 conceitos, cada um com uma ilustração, é perceptível observar a preocupação em representar e apresentar conceitos que são pertinentes no discurso atual dos estudos de género. A intenção é incentivar o público a questionar diferentes preconceitos e situações, afirmando que este glossário não pretende ser um manual com respostas definitivas, mas um incentivo na aprendizagem de cada um. O projeto esteve exposto entre 5 de fevereiro e 23 de março de 2022 em Coimbra. Apesar da efemeridade do evento é importante a existência de intervenções que interajam de forma próxima com o público. O contacto com as ilustrações e com a exposição edifica um ambiente único de fruição, pela forma como as pessoas contemplam a exposição, pelo tempo e atenção que lhe dedicam, mas também por reunir num espaço físico um conjunto de diversas pessoas. Este contacto pode possibilitar uma outra contribuição no processo de transmissão de conhecimento, na criação de um porto seguro de representatividade e reforço do sentido de comunidade. No sentido de visibilidade, para além de ser utilizada

12

Atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, sobretudo em relação a pessoas idosas. (Porto Editora, 2023)

13

Discriminação ou preconceito contra pessoa portadora de deficiência. (Porto Editora, 2023)

linguagem inclusiva através do sistema de gênero neutro baseado na letra “e”, a exposição bilingue, em português e inglês viabiliza o diálogo com públicos diversos. É também importante entender a referência dos termos em inglês, pois muitas concepções têm origem precedente à sua tradução e menção na língua portuguesa

A paleta de cores unifica os três traços ilustrativos, através da gama cromática designada as ilustrações articulam uma coleção coesa. Assim como no exemplo anterior, a multiplicidade de cores mantém o seu simbolismo de representatividade, existe o cuidado em expressar essa pluralidade de vivências e indivíduos, reunindo o mesmo valor simbólico e representativo que o arco-íris tem na comunidade LGBTQIA+. A respeito dos múltiplos conteúdos ilustrados, pode ser observada a diferença de representação entre cada, mediante o abstrato ou o figurativo, cada artista conciliou o seu estilo ilustrativo entre si e consoante as exigências de cada assunto. Desde concepções mais formais e concretas a mais ambíguas e subjetivas, são trabalhados diferentes recursos visuais que expressem cada particularidade do modo inteligível. No exemplo de “euforia de gênero” (figura 15), a ilustração retrata uma experiência que é pessoal e íntima a cada pessoa, assim a imaterialidade deste sentimento é desenhada de forma alegórica, expressando essa mesma subjetividade.



Figura 14, 15 e 16. Fotos das ilustrações da exposição "Glossário Feminista Ilustrado" (2022)

2.2 TRABALHO DE CAMPO

Qual é o público-alvo, quais são as suas necessidades, porque existem e como podem ser resolvidas são ponderações que persistem na argumentação deste trabalho. Como método de realização e fundamentação do projeto, foi desenvolvido o levantamento de informação através de trabalho de campo. O esforço em contactar escolas, estudantes, livrarias, associações e projetos LGBTQIA+, profissionais da área da ilustração, do design e das ciências sociais, reforça a estruturação de todo o corpo de trabalho deste projeto. De modo sucinto, este ponto da tese descreve todo o processo cronologicamente, e clarifica como cada interação procura responder às questões colocadas mediante a contextualização, problematização e pertinência da dissertação.

A • LIVRARIA (2020)

A Livraria “Faz de Conto”¹⁴ foi a primeira abordagem durante a fase inicial de pesquisa, a singularidade deste espaço consiste na estreita interação com crianças e na criteriosa seleção de materiais intrinsecamente adaptados à pedagogia educacional, assim como a valorização de diversos projetos editoriais, de design e ilustração e dos seus artistas gráficos, desenvolvendo iniciativas que promovem os seus trabalhos em momentos de workshop e, em particular, no mercado de ilustração - Ilustríssimo¹⁵ que já conta com duas edições, em 2021 e 2022. Delineando um ponto de partida, a livraria proporcionou um início favorável à investigação. As livreiras Sofia Correia e Cátia Soares estiveram disponíveis desde o primeiro momento de contacto e foram cruciais na pesquisa de conteúdo específico e relevante para a temática. A interação com essas profissionais e a exploração resultante do levantamento feito pela livreira Cátia, propiciaram um desenvolvimento substancial na compilação de obras pertinentes.

Nesse contexto de exploração, tornou-se claro que existe um corpus significativo de literatura infantojuvenil sobre a temática LGBTQIA+, quer sejam traduções ou produções portuguesas, a maioria desses títulos é relativamente recente, mas foi possível verificar que estes temas não são completamente novos.

Conforme destacado no ponto 1.4, desde o trabalho pioneiro de Manuela Bacelar em 2008 até as criações de Joana Estrela em 2020, objeto de análise no ponto 2.1, as questões queer foram compreendidas nas páginas da literatura portuguesa em vários projetos editoriais, utilizando a ilustração como instrumento pedagógico para crianças e jovens. Tendo estas considerações em mente, foi observada a necessidade de recursos sobre linguagem, conceitos e palavras intrínsecas à comunidade LGBTQIA+, e em específico à identidade e expressão de género. A abstração e

14

<https://www.fazdeconto.pt/>

15

<https://www.instagram.com/mercadoilustrissimo/>

Lista das referências, por ano de edição:

1. “Os vestidos de Tiago”
Joana Estrela, 2013
2. “O Menino De Vestido”
David Walliams, 2014
3. “Todos fazemos tudo”
Madalena Matoso, 2014
4. “As Mulheres e os Homens”
Luci Gutiérrez, 2016
5. “As Gavetas do Mundo
(Um livro para desarrumar ideias)”
Ana Abreu, Mafalda Araújo e Fran Junqueira, 2018
6. “Rosa Meira Engenheira”
Andrea Beaty e David Roberts, 2018
7. “Um Crocodilo de Vestido!”
Jeanne Willis e Stephanie Laberis, 2018
8. “A Época das Rosas”
Chloé Wary, 2020
9. “Sejamos Todos Feministas”
Clara Candelot, 2020
10. “O longo caminho para a igualdade:
mulheres e homens no século XXI”
Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada e
Susana Carvalhinhos, 2020
11. “Oliver Button é uma menina”
Tomie Depaola, 2020
12. “O Jaime no casamento”
Jessica Love, 2021

complexidade das diversas definições contribuiu, possivelmente, para a relativa escassez de mais abordagens, no entanto, essa lacuna impulsionou o objetivo deste projeto e estabeleceu a sua pertinência.

B • ESCOLAS (2021)

A interação com escolas do 1.º e 2.º ciclo foi uma das estratégias consideradas no âmbito deste projeto, condicionada por ter sido iniciado no final de 2020, durante a crise de saúde pública motivada pela pandemia COVID-19. Foram abordadas múltiplas instituições escolares em Coimbra¹⁶ com o propósito de entrevistar estudantes e observar suas necessidades, para tal, foi concebido um questionário que pretendia desenvolver um levantamento da atual situação escolar, perceber a sua consciencialização sobre a temática, e o potencial impacto ou as carências que poderiam ser abordadas pelo presente projeto. Como foi mencionado, as dificuldades impostas pelo contexto de saúde pública que caracterizou o ano de 2020 e seguintes, dificultaram a realização desta abordagem, levando à sua subsequente suspensão devido à inviabilidade prática. Uma das escolas que respondeu ao pedido indicou, precisamente, que esta circunstância complicaria tanto o estudo quanto a sua implementação, acrescentando que estava envolvida noutros projetos a decorrer durante aquele período. Outras instituições escolares contactadas não forneceram resposta ao e-mail enviado.

Perante esta situação, revelou-se ser complicado estabelecer uma comunicação direta com o público-alvo. No entanto, durante o estágio realizado numa fase posterior do projeto, em colaboração com o projeto KINDER aprofundado no ponto 2.3, surgiu a oportunidade de explorar essas questões de maneira informal, através de conversas com estudantes e profissionais da área da educação, esta experiência possibilitou uma compreensão preliminar das necessidades específicas de estudantes, das suas famílias e dos profissionais de educação. Em conclusão, devido não só à extensão temporal do projeto, abrangendo o período de 2020 a 2023, foi um processo complexo estabelecer contacto direto com estabelecimentos de ensino, apesar disso, existiu a contínua procura por alternativas capazes de responder às questões colocadas e alcançar os objetivos delineados.

C • CONFIA (2021)

A participação na conferência CONFIA 2021, 9ª edição da Conferência Internacional sobre Ilustração e Animação, contou com o apoio do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, e surgiu por desafio do orientador, o Professor Júlio Dolbeth, sendo a publicação e o trabalho desenvolvido na submissão do artigo uma mais-valia para o projeto final. O artigo resume a investigação inicial realizada nesse momento do projeto, bem como alguns estudos práticos da zine. A

16

Após um trabalho exploratório preliminar, percebeu-se que a zona de Coimbra reunia as melhores condições para a realização do trabalho de campo: existência de uma livraria de referência para literatura infantojuvenil, forte investigação académica na área dos estudos feministas e de género, familiaridade com este meio por ser a cidade onde realizei a minha licenciatura, e por ser também uma zona onde tenho fortes ligações pessoais que permitiram agilizar estes contactos.

conferência CONFIA dedica-se a ser um contributo na exploração do espaço multidisciplinar das áreas da ilustração, animação e da teoria de arte, procurando submissões de artistas e da comunidade académica que vão ao encontro deste objetivo. A pertinência desta participação vai ao encontro dos temas recomendados entre ilustração/desenho e teoria da arte aplicada à ilustração, ponderando sobre questões de ilustração editorial, ilustração para crianças e pedagogia ilustrativa. A edição de 2021 foi coorganizada entre a Escola de Design do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave e o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, no âmbito do Instituto de Investigação ID+ para Design, Media e Cultura.

Tive a oportunidade de apresentar o projeto no dia 28 de outubro de 2021, o dia de abertura da conferência, que contou com 29 sessões e mais de 50 participantes. Esta presença permitiu o contacto pessoal com diversos profissionais que abordaram tópicos da mesma área, nomeadamente, o painel onde foi inserida a minha apresentação que teve como foco a pedagogia da ilustração e de livros infantis. No mesmo painel participaram também Sara Reis da Silva com “A ilustração e/ou os livros para a infância de Bió: sobre alguns “respeitáveis antepassados” da edição contemporânea”, Miguel Carvalho e Nilton Gamba Junior, com “Ilustração ficcional: uma experimentação de materialização científica e leituras fora do contexto académico”, Diana Maria Martins e mais uma vez Sara Reis da Silva com “As formas em livros para pré-leitores”. No final das apresentações deste painel, para além de poder conversar com as pessoas participantes e receber comentários positivos sobre a abordagem do meu projeto, foi também possível conversar com estudantes de licenciatura, que demonstraram interesse na temática explorada e em ter acesso à zine. Após estas conversas e partilha de ideias, foi possível verificar a importância e pertinência de abordar temas relacionados com a comunidade LGBTQIA+ e de utilizar a ilustração e o design como ferramentas pedagógicas destas questões.

D • ASSOCIAÇÕES (2021)

Em Julho de 2021, durante a consideração de estratégias de investigação, foi ponderado o contacto com associações que trabalhassem diretamente com jovens e com a comunidade LGBTQIA+. Após o contacto com instituições públicas escolares se ter revelado uma abordagem incerta, a possível colaboração com associações foi outra procura importante no desenvolvimento do projeto.

A primeira instituição contactada foi a associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, sediada em Lisboa e fundada em 1995. Foi a primeira associação criada em Portugal com um programa no âmbito social que se esforça pela igualdade e na luta contra a discriminação das pessoas LGBTQIA+ e das suas famílias. A nível



Figura 17. Capa do livro "CONFIA 2021" (2021)

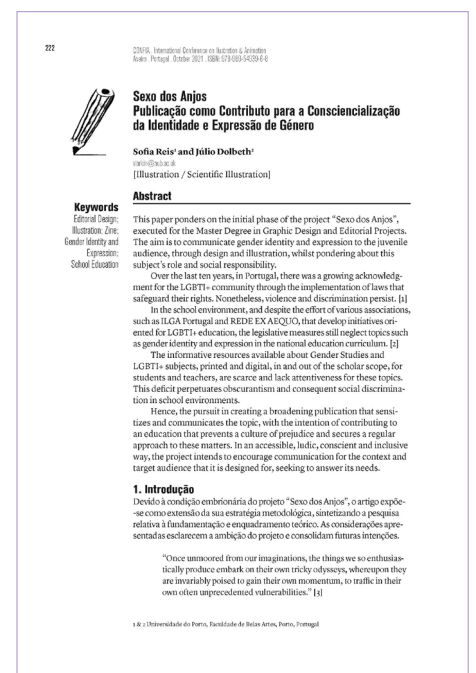


Figura 18. 1.ª página do artigo "Sexo dos Anjos: Publicação como Contributo para a Consciencialização da Identidade e Expressão de Género" (2021)

nacional, a associação ILGA Portugal pertence ao Conselho Consultivo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género¹⁷ e à Comissão Técnica de Acompanhamento dos Planos de Ação da Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação¹⁸. (ILGA Portugal, 2023) O pedido de colaboração foi respondido por Marta Ramos, diretora executiva da associação até fevereiro de 2022. Numa primeira conversa, foram averiguados os objetivos e projetos da associação ligados ao público jovem, nomeadamente o projeto europeu *School's OUT*, iniciado em 2020 e concluído em 2022. Este projeto, com foco no sistema educativo português, teve como principal objetivo contribuir na criação de um ambiente inclusivo, seguro e acolhedor para pessoas LGBTQIA+, promovendo o bem-estar emocional e psicológico dos estudantes durante o seu percurso escolar. (ILGA Portugal, 2023) As intenções de sensibilização sobre identidade e expressão de género para toda a comunidade escolar, mediante o desenvolvimento de ferramentas que ajudem na exploração destas questões, vai ao encontro aos objetivos da presente dissertação, deste modo, foi proposta e analisada a possibilidade de trabalhar em conjunto.

Por iniciativa da diretora Marta Ramos, tive a oportunidade de conversar sobre o projeto *School's OUT* com Sara Soares, técnica de projetos desde 2018. Esta interação permitiu uma compreensão mais aprofundada sobre todo o trabalho desenvolvido pela associação até então. Foi importante entender as dificuldades enfrentadas pelo projeto, a sua pertinência e motivações, verificando a falta de informação no contexto escolar, a necessidade de descentralizar os apoios e intervenções sociais a nível nacional, mas também, uma forte vontade de melhorar. A técnica Sara Soares mencionou a relevância do projeto *Safe to Be*¹⁹, que desenvolveu uma plataforma com um glossário de conceitos relacionados com diversidade sexual e de género, e forneceu ainda o relatório nacional de Portugal, desenvolvido durante a primeira fase do projeto, que reúne dados sobre boas práticas na Europa em relação à formação de docentes em relação a questões LGBTQIA+, políticas escolares inclusivas, políticas nacionais e recomendações. A disponibilidade e receptividade por parte da equipa foi crucial no entendimento do panorama atual, reforçando a necessidade iminente de investir em material pedagógico para o contexto escolar. Em relação à colaboração dos dois projetos foi ponderado o acompanhamento das formações a serem implementadas, a aplicação da zine na fase de formação e, posteriormente, a sua disponibilização e distribuição a estudantes e docentes.

Ainda pela parte da diretora Marta Ramos foi sugerida a sinergia com a *rede ex aequo – associação de jovens lgbti e apoiantes*²⁰, de modo a perceber outras oportunidades de colaboração. Devido a incompatibilidade de calendarização e aos diversos projetos que estas instituições desenvolvem continuamente as parcerias tornam-se difíceis de concretizar. Ambas as colaborações, com a associação ILGA Portugal e com a *rede ex aequo*, acabaram por não se concretizar

17
<https://www.cig.gov.pt/area-a-cig/conselho-consultivo/>

18
PAIOEC - <https://www.cig.gov.pt/2022/01/consulta-publica-relativa-a-revisao-dos-planos-de-acao-da-estrategia-nacional-para-a-igualdade-e-a-nao-discriminacao-2018-2030-portugal-igual/>

19
<https://safetobe.eu/pt/fact-checking/>

20
<https://rea.pt/>

devido às dificuldades apresentadas pela comunicação à distância e pela sobrecarga de responsabilidades que este género de instituições suportam. No entanto, o contacto direto com as associações permitiu reunir informação fundamental sobre o trabalho realizado nas escolas, assim como o levantamento de pesquisa indispensável para a dissertação. Na mesma altura em que estas ligações estavam a ser estabelecidas, encontrei o projeto europeu KINDER - Desafiar estereótipos de género na educação e na primeira infância: construir uma Pedagogia Inclusiva na Educação Infantil e foi possível perceber que essa colaboração seria mais indicada devido ao tema central, aos seus objetivos e à facilidade de contacto pessoal, sendo o núcleo do projeto sediado em Coimbra, um ponto próximo do Porto e de fácil acesso.

E • EXPOSIÇÃO (2022)

No ponto 2.1, onde são analisados os estudos de caso, é mencionada a exposição “Glossário Feminista Ilustrado” apresentada em 2022, embora não seja um livro, este projeto consiste na elaboração de diversos cartazes ilustrados, concebidos e editados por três pessoas ilustradoras. A observação desta exposição surgiu pela sua relevância para o projeto, para a comunidade e por se destacar pela sua natureza ativista. É importante mencionar que a visita à exposição era grátis, o que contribuiu na acessibilidade e difusão dos seus conteúdos a um público mais amplo. A oportunidade de visitar a exposição permitiu a contemplação direta das ilustrações, o registo fotográfico e uma experiência imersiva em todo o projeto. Este ponto assume particular destaque, uma vez que a exposição “Glossário Feminista Ilustrado” foi realizada, planeada e executada por profissionais das áreas de design e ilustração, além disso, aborda tematicamente perspectivas que se correlacionam com o presente projeto. A exposição é abrangente nos conceitos explorados e, embora o foco específico deste projeto recaia sobre identidade e expressão de género, todos os conceitos explorados no “Glossário Feminista Ilustrado” são interseccionais e com ligação direta com os abordados pelo presente projeto.



Figura 20. Foto da exposição "Glossário Feminista Ilustrado" (2022)

2.3 PROJETO KINDER (2021 / 2023)

Durante o percurso da investigação e em paralelo com o contacto realizado com diferentes associações e iniciativas que trabalham questões LGBTQIA+ em Portugal, surge o projeto KINDER – Desafiar estereótipos de género na educação e na primeira infância: construir uma Pedagogia Inclusiva na Educação Infantil. O projeto europeu, com o apoio financeiro do Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia (2014-2020) (GA 101005800), decorreu em simultâneo em três países: Croácia, Espanha e Portugal. Desenvolvido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, pretende responder à necessidade de adaptar conhecimento sobre igualdade de género com um foco nas masculinidades para faixas etárias mais jovens, dos 3 aos 6 e dos 7 aos 12 anos, e desenvolver ferramentas que auxiliem profissionais de educação.

Sendo que os objetivos do projeto KINDER vão ao encontro dos objetivos fulcrais do presente projeto, a colaboração revelou ser compatível e enriquecedora para ambas as partes. O primeiro contacto com o projeto foi concretizado através da investigadora Sofia Gonçalves, que integra as intervenções do projeto na Escola Superior de Educação de Coimbra. Posteriormente foram realizadas sucessivas reuniões com a coordenadora do projeto Tatiana Moura, e a investigadora Rita Alcaire, que culminaram na efetivação da coorientação do projeto por parte desta última investigadora. A intersecção das suas áreas de investigação com o presente projeto fundamentaram esta decisão, revelando-se determinante para a concretização da investigação.

Através desta colaboração surgiram duas oportunidades, a integração e publicação da zine no manual final do projeto KINDER e a participação no Estágio Ciência Viva que possibilitou a exploração da temática com diferentes projetos e investigações e o contacto com o público alvo de ambos os projetos. Todo este percurso colaborativo começou em 2021 e terminou em 2023. Desde o início do projeto de mestrado e o primeiro contacto em novembro de 2021 até à formalização da coorientação em fevereiro de 2022, o estágio Ciência Viva em Julho de 2022 e a publicação da zine integrada no Manual KINDER em Junho de 2023, é evidente que este processo foi um ponto fulcral na orientação e concretização do projeto de Mestrado.

A • ESTÁGIO CIÊNCIA VIVA (2022)

A convite da equipa portuguesa do projeto, tive a oportunidade de dinamizar uma palestra integrada no Estágio Ciência Viva “O que é isto de género? Debate sobre igualdade e modelos não violentos de masculinidade”, que decorreu no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra de 5 a 8 de Julho de 2022. O Estágio teve



como público-alvo estudantes do 9.º ao 12.º ano das áreas das artes, multimédia e comunicação, contou com 5 participantes e 7 sessões dinamizadas com o propósito de partilhar os papéis da investigação, das tecnologias e do design como promotores da igualdade de género e desconstrução de estereótipos. No decorrer deste 4 dias tive a oportunidade de assistir a várias apresentações sobre “Masculinidades, empatia e não violência” pela Coordenadora Tatiana Moura, “Investigação, Comunicação e Metodologias Transformadoras de Normas de Género” pela Investigadora Rita Alcaire, “Etnoficção” pela professora Haydée Caruso e uma sessão sobre “Qual o papel do design e das tecnologias na criação de outros futuros para a igualdade de género” por Rebeca das Neves e Luís Félix Alípio uma conversa a partir do seu trabalho de animação digital, design e ilustração.

No dia 6 de julho, quarta-feira, num momento do Estágio com o título ‘O Pessoal é Político: -Comunicação, Diversidade e Multimédia’, dividi o tempo de apresentação com colegas da ESEC que trabalharam estes conteúdos no âmbito do curso de Comunicação, Design e Multimédia. A sessão que dinamizei, intitulada “O Papel Social: Zines, Design e Ilustração”, centrou-se nas motivações para a realização da investigação “Sexo dos Anjos”, bem como, as contribuições do design e da ilustração para questões sociais e o seu potencial como ferramentas pedagógicas. Após abordar diversos trabalhos inseridos na temática em questão, foi apresentada a proposta de zine, que devido ao seu carácter ativista e de contracultura apresenta um potencial relevante para um projeto que surge da sua pertinência social. Tendo em conta a intenção e o contexto do estágio foi elaborada uma mini zine com o alfabeto para que as participantes pudessem construir o seu próprio glossário com palavras exploradas nesta intervenção, motivando um primeiro contacto com uma publicação e o interesse por entender e explorar diferentes conceitos relacionados com as questões de género através do design e da ilustração. A possibilidade de participar neste estágio e o contacto com o público-alvo traduziu-se no surgimento de novas questões pertinentes para a investigação e permitiu estabelecer estratégias de abordagem para a construção do objeto final, atendendo às necessidades da faixa etária em questão.

B • MANUAL KINDER (2023)

O Manual KINDER — Desconstrução de estereótipos desde a infância (Moura et al., 2023), disponível nos recursos online, foi um dos vários outputs do projeto e visa ser um manual de apoio a profissionais de educação, abordando todos os temas presentes na formação assim como apresentando recursos úteis e a descrição de atividades que podem ser feitas em contexto de sala. O manual surge como uma ferramenta pedagógica de suporte para profissionais de educação e funcionários escolares, promovendo a educação inclusiva e a exploração



sobre questões de género, neste âmbito a minha contribuição surge com o glossário ilustrado. A integração da zine no manual proporciona e assegura o alcance que o projeto de mestrado ambiciona, chegar a jovens de todo o país, a profissionais de educação e a toda a comunidade escolar, com o potencial de ser usado em sala de aula como ferramenta pedagógica. O Glossário Ilustrado “Sexo dos Anjos”, foi adaptado pelo designer Daniel Sansão, que trabalha com a equipa KINDER, de forma a corresponder ao projeto gráfico do manual desenvolvido para a sua publicação final. As ilustrações foram ajustadas para cobrir uma página e os conceitos acompanham-nas na página seguinte, uma alteração que modifica a estrutura gráfica da zine e altera a composição ilustrativa, porém não desvirtua o seu conteúdo ou legibilidade, sendo a melhor solução encontrada na readaptação do objeto editorial para este manual, a zine continua a existir individualmente e estará disponível e distribuída no seu formato original.



Figura 21. Capa do "Manual KINDER" (2023)



Agénero/a/e

- Pessoa com identidade/identificação de género neutra (vd. género neutro).
- Pessoa que não se identifica com nenhum género.
- Pessoa que recusa o género no desenvolvimento dos seus processos identitários.⁸¹

Aliado/a/e _ Alguém que, independentemente das suas pertenças a determinadas categorias (e.g., idade, classe, género, racialização, etnia, orientação sexual, identidade de género, nacionalidade, religião, etc.), se associa a lutas pela defesa dos direitos humanos de populações histórica, económica e socialmente excluídas.⁸²

Andrógino/a/e _ Alguém ou algo que não se distingue entre masculino ou feminino, género neutro ou sem género.⁸³

Autodeterminação _ Direito humano para que cada pessoa seja agente causal da sua vida, faça escolhas autodeterminadas, tenha uma participação ativa na sua vida e na sociedade, e possa tomar decisões sobre si, sobre o seu corpo e sobre a sua expressão de género, de acordo com a sua autoidentificação.⁸⁴

Autoidentificação _ Processo de subjetificação através do qual uma pessoa designa uma identificação de si que traduz a sua experiência e vivência em determinada categoria (e.g., género, orientação sexual, identidade/identificação de género, religião, etc.), definindo, por conseguinte, idiosincrasias e denominações.⁸⁵

81 Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.11

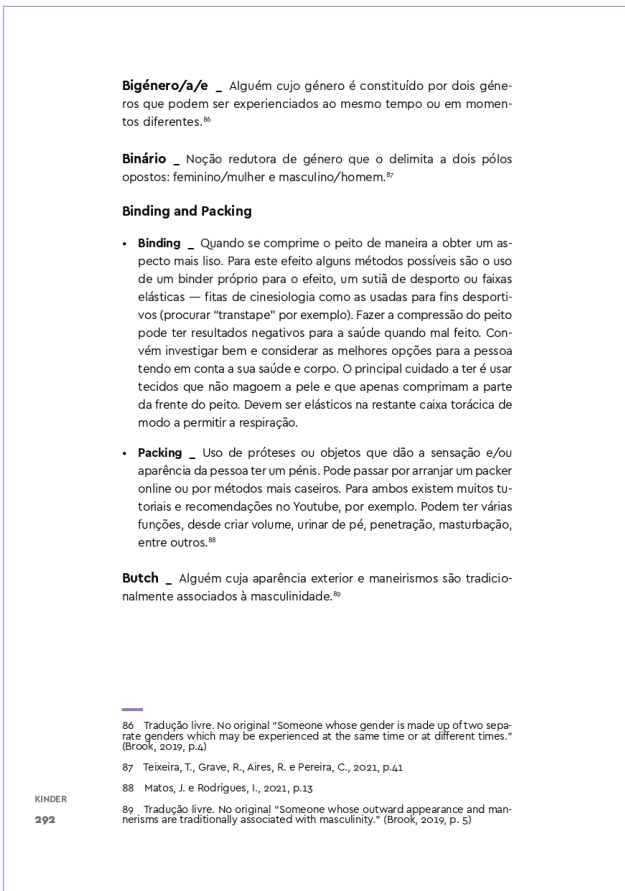
82 Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.11

83 Tradução livre. No original "Someone or something that is neither distinguishably masculine nor feminine, both masculine and feminine, gender neutral or non-gendered." (Brook, 2019, pp. 3-4)

84 Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.14

85 Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.14

Glossário
Ilustrado
Sexo dos Anjos



Bigénero/a/e _ Alguém cujo género é constituído por dois géneros que podem ser experienciados ao mesmo tempo ou em momentos diferentes.⁸⁶

Binário _ Noção redutora de género que o delimita a dois pólos opostos: feminino/mulher e masculino/homem.⁸⁷

Binding and Packing

- **Binding** _ Quando se comprime o peito de maneira a obter um aspecto mais liso. Para este efeito alguns métodos possíveis são o uso de um binder próprio para o efeito, um sutiã de desporto ou faixas elásticas — fitas de cinesiologia como as usadas para fins desportivos (procurar "transtape" por exemplo). Fazer a compressão do peito pode ter resultados negativos para a saúde quando mal feito. Convém investigar bem e considerar as melhores opções para a pessoa tendo em conta a sua saúde e corpo. O principal cuidado a ter é usar tecidos que não magoem a pele e que apenas comprimam a parte da frente do peito. Devem ser elásticos na restante caixa torácica de modo a permitir a respiração.
- **Packing** _ Uso de próteses ou objetos que dão a sensação e/ou aparência da pessoa ter um pénis. Pode passar por arranjar um packer online ou por métodos mais caseiros. Para ambos existem muitos tutoriais e recomendações no Youtube, por exemplo. Podem ter várias funções, desde criar volume, urinar de pé, penetração, masturbação, entre outros.⁸⁸

Butch _ Alguém cuja aparência exterior e maneirismos são tradicionalmente associados à masculinidade.⁸⁹

86 Tradução livre. No original "Someone whose gender is made up of two separate genders which may be experienced at the same time or at different times." (Brook, 2019, p.4)

87 Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p.41

88 Matos, J. e Rodrigues, I., 2021, p.13

89 Tradução livre. No original "Someone whose outward appearance and manerisms are traditionally associated with masculinity." (Brook, 2019, p. 5)

Glossário
Ilustrado
Sexo dos Anjos

Figura 22 e 23. Imagens do Glossário "Sexo dos Anjos" no "Manual KINDER" (2023)

CAPÍTULO III

Projeto Prático

3.1 O PAPEL DA ZINE

Stephen Duncombe no seu livro “Notes from Underground Zines and the Politics of Alternative Culture”, expressa as possibilidades comunicativas e criativas que a criação de uma zine possui. A definição de zine é complexa de sintetizar, certos aspetos que conseguimos apontar são o seu carácter autodidático, do-it-yourself, frequentemente elaboradas com pouco custo de produção e com um propósito independente que ambiciona pronunciar-se sobre e para uma comunidade e cultura marginalizada. “In the shadows of the dominant culture, zines and underground culture mark out a free space; a space within which to imagine and experiment with new and idealistic ways of thinking, communicating, and being.” (Duncombe, 2008, pp. 204, 205) O espaço livre que Ducombe reconhece na produção de uma zine, cativa o objetivo do projeto que se pretende elaborar, para além de se proporcionar uma plasticidade material e estética, que reflete a inerente abstração dos conteúdos específicos sobre identidade e expressão de género, é um tipo de publicação que surgiu em função da comunicação e das comunidades que representava. O seu carácter social, ativista e de contracultura traduz um potencial relevante para um projeto que surge da sua pertinência social, tentando responder à invisibilidade da comunidade LGBTQIA+ no contexto escolar. Consoante estas características a decisão de criar uma zine é estabelecida pela condição do objeto editorial expandir o objetivo do projeto, ciente dos seus limites pretende poder ser alterado e reforçado, continuando a contribuir para o seu propósito pedagógico.

“Zines are an individualistic medium, but as a medium their primary function is communication. As such, zines are as much about the communities that arise out of their circulation as they are artifacts of personal expression.” (Duncombe, 2008, p. 47)

Assim surge o nome do projeto: “Sexo dos Anjos”, para além de um impulso de expressão pessoal, é uma reivindicação da expressão idiomática portuguesa, “discutir o sexo dos anjos”, utilizada com o intuito de dizer que não vale a pena debater algo pois não tem importância, resolução ou consenso. Sendo esta a postura que provoca a invisibilidade da identidade e expressão de género em Portugal, a finalidade desta zine é alcançar um grande número de pessoas jovens, desencadear uma reação participante e trazer esta temática para a conversa. Por outro lado, a palavra “Sexo” marca o título como um dos conceitos que integra o vocabulário associado a esta conversa e muitas vezes mal interpretado com a definição de género.

3.2 PROCESSO EDITORIAL E ILUSTRATIVO

Neste ponto será explicitado todo o processo criativo, desde a seleção de conteúdos, a ilustração da zine e as suas opções formais. A estrutura



do objeto editorial depende do seu formato como glossário, que parte da recolha de uma série de palavras selecionadas e organizadas alfabeticamente, após a seleção de conteúdo são desenvolvidos os primeiros estudos ilustrativos e o storyboard. Tendo sempre em consideração a componente textual e como esta se enquadra com as ilustrações finais, foram determinadas as opções formais da zine.

A • SELEÇÃO DE CONTEÚDOS

O processo editorial de produção da zine exigiu o planeamento cuidadoso de todos os conteúdos, e a seleção da informação necessária a transmitir e de que modo. Esta análise requereu uma revisão experiente, sendo um procedimento significativo foi averiguado múltiplas vezes e com o auxílio da coorientadora, a Professora Rita Alcaire. Segundo a pesquisa sobre identidade e expressão de género é notória a multiplicidade de termos e expressões pertinentes à temática, muitos destes conceitos são relativamente recentes e não são utilizados com frequência, nesse sentido surge a deliberação de realizar um glossário, um catálogo de conceitos essenciais para compreender e reconhecer a expressão pessoal e individual de cada pessoa.

Tendo consciência dos preconceitos e da tendenciosidade presente na linguagem, e em específico da binariedade masculino/feminino, o uso do masculino generalista e expressões com uma forte conotação de género presente na língua portuguesa, é necessário exercer uma posição ativa para quebrar esses ciclos. Neste sentido é tida em conta a utilização de uma linguagem inclusiva e de género neutro, salientando as letras “a”, “o” e “e” na terminação de diversas palavras, e a utilização dos pronomes “ela”, “ele” e “elu”. (Teixeira, et al., 2021, p. 7) Os conceitos e as definições foram retirados de várias fontes de referência: instituições e associações que fazem trabalho de ativismo e de proximidade com a comunidade LGBTQIA+ e que exploraram e desenvolveram material educativo sobre este tema. (Ver anexo 1. Lista de conceitos e definições).



B • ILUSTRAÇÃO DA ZINE

O conteúdo selecionado consiste em definições de conceitos que têm uma conotação abstrata, desse modo as ilustrações realizadas preveem uma abertura de representação e interpretação. Neste sentido, numa fase inicial em que ainda só alguns dos conceitos estavam definidos, iniciaram os primeiros esboços que trabalhavam formas indefinidas e antropomórficas. Antecipando que a figura humana seria um ponto central da ilustração, pela particularidade de cada conceito, pelo sentido de comunidade, e também pela importância que a figura corporal e a sua característica performativa têm na construção e exploração da identidade e expressão de género, as experiências ajustaram-se a uma representação mais figurativa. Ao procurar uma caracterização que ambiciona evitar preconceitos, as personagens variam em características que de forma fluída não pretendem cingir-se a uma representação normativa de género, com consciência desta dificuldade e de limitações que surgem decorrentes de determinadas representações, existiu um atenção redobrada à diversidade e representatividade.



Figuras 24, 25, 26, 27 e 28. Primeiros esboços



No prefácio à tradução portuguesa do livro “Problemas de Género” de Judith Butler, João Oliveira afirma que os primeiros impactos ou abordagens sobre questões de género em Portugal são percebidos no campo da dança (Oliveira, 2017, p. 13). Esta ideia inspirou a representação dos conceitos relativos à identidade e expressão de género como uma performance, ou melhor como uma experiência individual, à noção de expressar o que somos como um ato, algo que é fluido, que se transforma e é experienciado de diferentes formas por diferentes pessoas. Após existir uma ideia mais precisa do traço e da técnica ilustrativa, foi delineado o storyboard, nesta fase as composições foram trabalhadas tendo poses de dança como referência, todas as palavras, os seus significados e conotações não são estáticos, tal como as ilustrações inspiradas na dança pretendem transmitir. Estas ideias movimentam-se, são contestadas e disputadas, estão em constante transformação e desenvolvimento. Para além desta conotação, existe também a intenção de transmitir o sentido de comunidade, de uma dança em grupo e de um movimento conjunto.

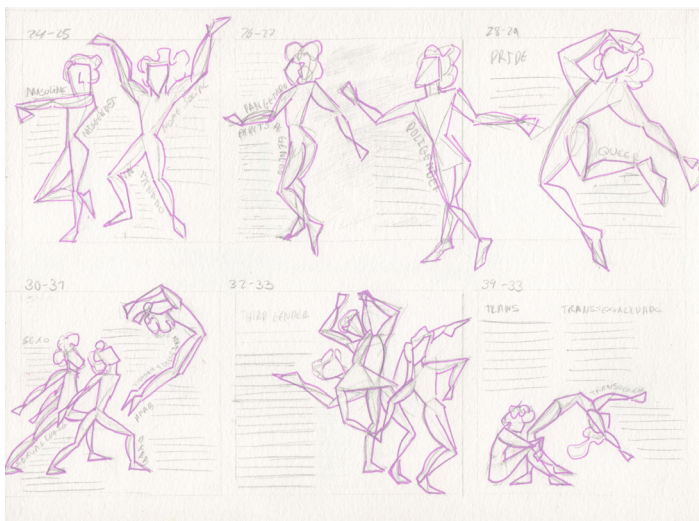


Figura 29 e 30. Storyboard

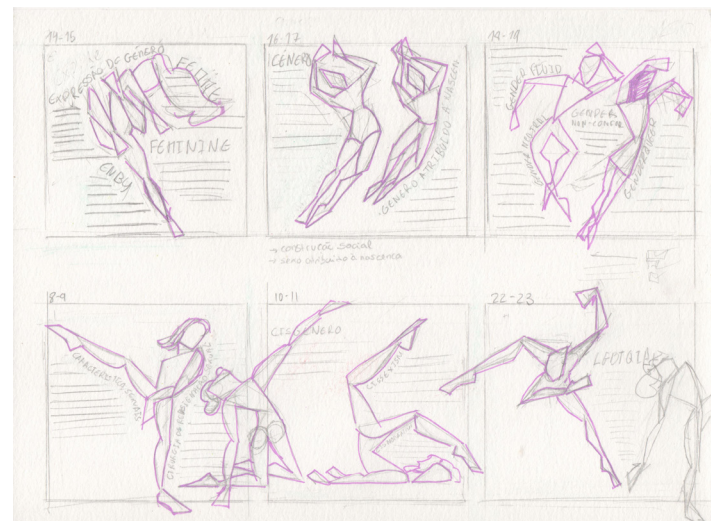
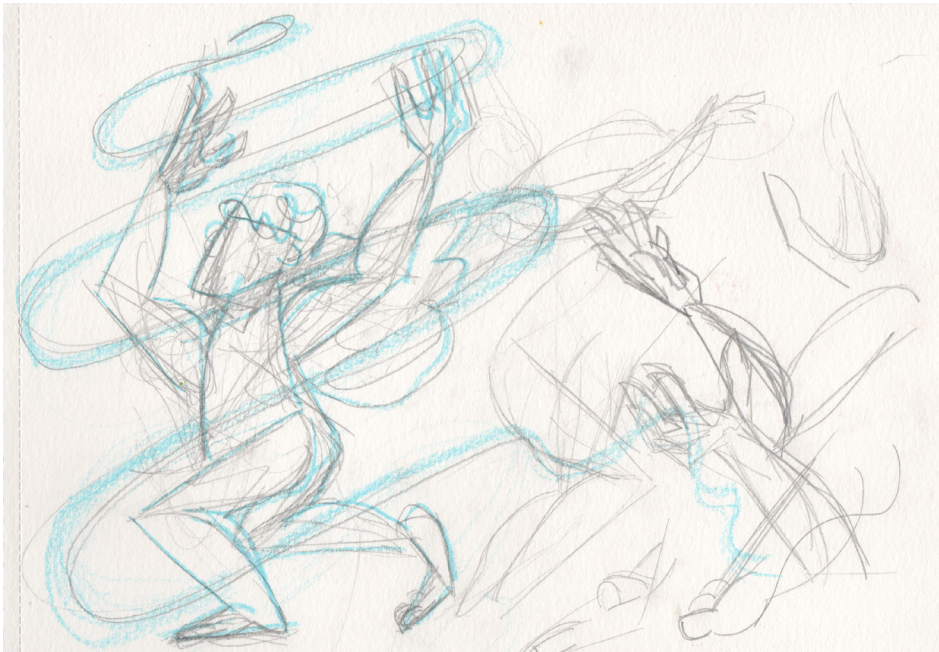


Figura 32. Spread finalizado



Figura 31. Esboços

Para além das figuras, a utilização de formas abstratas pretende fortalecer a reprodução de movimentos e conferir dinamismo à composição, ao interagirem com o texto garantem também uma ligação entre todos os elementos. O traço do desenho recorre a formas elementares e geométricas, a adição de ruído e textura confere dimensão e ênfase às personagens, o conjunto destas características permite comunicar através de uma linguagem expressiva os movimentos das figuras. A paleta abrangente e a sobreposição de cores, representa a capacidade de mudança, movimento e aludem à bandeira da comunidade LGBTQIA+ (a bandeira arco íris) e à representação da multiplicidade de identidades e expressões de género.



BIGÉNERO-A+
Alguém cujo género é constituído por dois géneros que podem ser experienciados ao mesmo tempo ou em momentos diferentes.

BINÁRIO
Noção redutora de género que o que delimita a dois pólos opostos: feminino/mulher e masculino/homem.

BUTCH
Alguém cuja aparência exterior e maneirismos são tradicionalmente associados à masculinidade.

BINDING
Quando se comprime o peito de maneira a obter um aspecto mais liso. Para este efeito alguns métodos possíveis são o uso de um binder próprio para o efeito, um sutiã de desporto ou faixas elásticas — fitas de omestoplasia como as usadas para fins desportivos (procurar "trastape" por exemplo). Fazer a compressão do peito pode ter resultados negativos para a saúde quando mal feito. Convém investigar bem e considerar as melhores opções para si.
pessoa tendo em conta a sua saúde e corpo. O principal cuidado a ter é usar tecidos que não magoem a pele e que apenas comprimam a parte da frente do peito. Devem ser elásticos na restante caixa torácica de modo a permitir a respiração.

PACKING
Uso de próteses ou objetos que dão a sensação e/ou aparência da pessoa ter um pénis. Pode passar por arranjá-lo um packer online ou por métodos mais caseiros. Para ambos existem muitos tutoriais e recomendações no Youtube, por exemplo. Podem ter várias funções, desde criar volume, urinar de pé, penetração, masturbação, entre outros.

&

Figura 33. Esboço e Spread finalizado

C • OPÇÕES FORMAIS

Relativamente ao formato, a principal preocupação é o fácil acesso ao objeto. Assim as dimensões foram decididas de modo a reduzir os custos de impressão e de encadernação. Os spreads são A4 (horizontalmente) e com as ilustrações a ocuparem ambas as páginas A5 (verticalmente). O formato A4 é o mais comum em gráficas e em impressoras domésticas, e o sistema de encadernação selecionado é o mais simples, com apenas dois agrafos, sendo que as poucas páginas e a utilização de uma gramagem mais leve de folhas permite a sua fácil montagem. Estas características contribuem para a facilidade de impressão e produção da zine por qualquer pessoa.

A composição gráfica da página é organizada segundo a ilustração, sendo a mancha textual orientada pela construção da baseline grid, este método é construído através da criação de linhas horizontais em toda a página, que definem o espaço de entrelinhas e garantem uma mancha textual harmoniosa. A utilização desta estratégia preserva a legibilidade enquanto o conteúdo textual existe em formas irregulares como parte da ilustração.

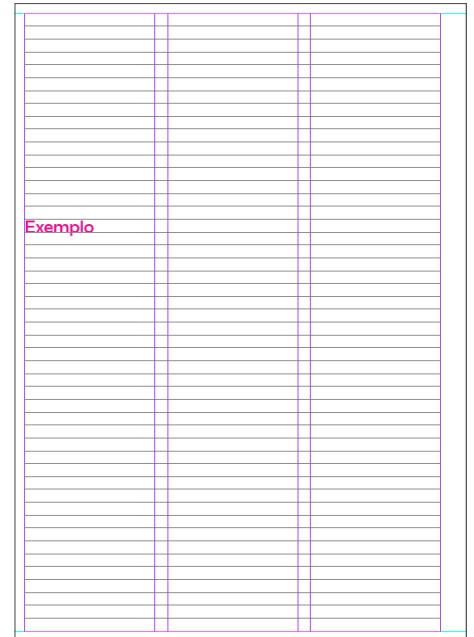


Figura 34. Esquema Baseline grid



Figura 35. Exemplo do uso da baseline grid, com texto e ilustração

“The Polite Type”²¹, foi a tipografia escolhida para a zine e para o documento da dissertação. A fonte de texto sans-serif, sem serifa, é de acesso público e a sua principal característica é a de substituir palavras ofensivas por palavras inclusivas, sendo destinada a fins educativos para questionar o discurso de ódio, principalmente online. O vocabulário foi selecionado em colaboração com estudantes e jovens de diversos contextos na Finlândia, a iniciativa é apoiada pela The Children and Youth Foundation e pela Friends-organization na Suécia. Com o aumento do bullying online, o projeto visa a promoção do respeito no diálogo entre pessoas e a criação de um espaço seguro na internet. (Tietoevry, 2023)

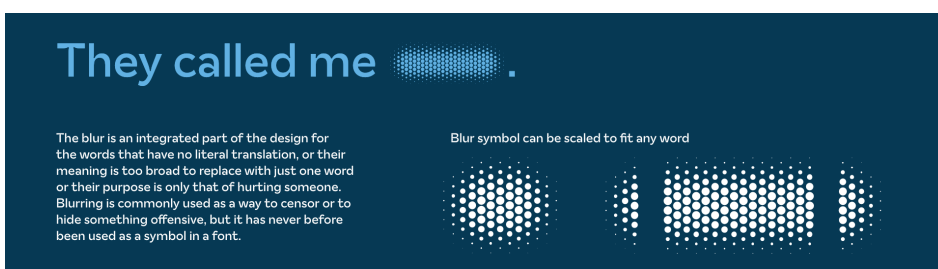
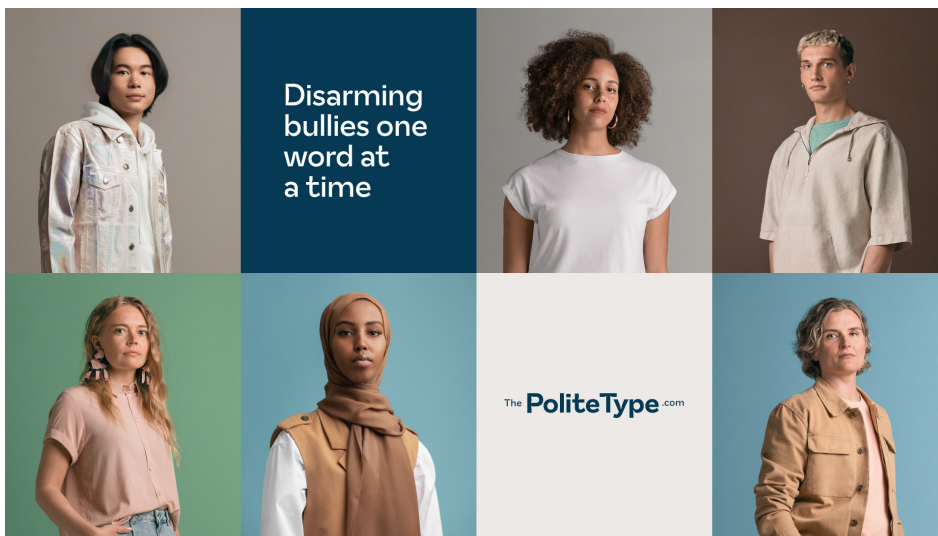


Figura 36, 37 e 38. "The Polite Type" - Press Images (2023)

3.3 ARTEFACTO FINAL

PLANO DA CAPA | CONTRACAPA.



PLANO DA FOLHA DE ROSTO.



SPREADS INTERIORES.

AGÊNERO A E
Indivíduo que não se identifica com o gênero masculino ou feminino, ou se identifica com ambos, ou com nenhum dos dois. Pode ser considerado um gênero não binário.

ALIADO A E
Alguém que apoia e defende os direitos LGBTQIA+ sem necessariamente se identificar com o gênero não binário. Pode ser considerado um gênero não binário.

AUTOIDENTIFICAÇÃO
Processo pelo qual o indivíduo reconhece e aceita seu gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

AUTO DETERMINAÇÃO
Direito de cada indivíduo de definir seu próprio gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

ALLY

BINÁRIO
Indivíduo que se identifica com o gênero masculino ou feminino. Pode ser considerado um gênero não binário.

BUTCH
Indivíduo que se identifica com o gênero masculino, mas com uma expressão de gênero mais feminina. Pode ser considerado um gênero não binário.

PACKING
Indivíduo que se identifica com o gênero feminino, mas com uma expressão de gênero mais masculina. Pode ser considerado um gênero não binário.

BINÓDIO

CISGÊNERO A E
Indivíduo cujo gênero se alinha com o sexo atribuído na nascença. Pode ser considerado um gênero não binário.

CARACTERÍSTICAS GÊNERO
Traços de gênero que são associados a um determinado gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

CIS

CONFORMIDADE
Indivíduo que se identifica com o gênero masculino ou feminino, mas que não se conforma com as expectativas de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

COLUNA DE INFORMAÇÃO SEXUAL
Informação sobre o sexo atribuído na nascença. Pode ser considerado um gênero não binário.

CONFORMIDADE

DRAG
Performance artística onde o indivíduo se apresenta com uma aparência exagerada de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

DRAG QUEEN
Indivíduo que se apresenta com uma aparência exagerada de gênero feminino. Pode ser considerado um gênero não binário.

DRAG KING
Indivíduo que se apresenta com uma aparência exagerada de gênero masculino. Pode ser considerado um gênero não binário.

DRAGNING
Atividade de drag performed por indivíduos que não se identificam com o gênero feminino ou masculino. Pode ser considerado um gênero não binário.

DRAG

EUFORIA DE GÊNERO
Estado de felicidade e bem-estar associado ao gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

FEMME
Indivíduo que se identifica com o gênero feminino, mas com uma expressão de gênero mais masculina. Pode ser considerado um gênero não binário.

FEMININO A E FEMINILIDADE
Traços de gênero que são associados a um determinado gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

EUFORIA DE GÊNERO

GÊNERO
Características de gênero que são associadas a um determinado gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

GÊNERO NÃO CONFORME
Indivíduo que não se conforma com as expectativas de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

GÊNERO-NEUTRO
Indivíduo que não se identifica com o gênero masculino ou feminino. Pode ser considerado um gênero não binário.

GÊNERO

HETERONORMATIVIDADE
Expectativa social de que os indivíduos se identifiquem com o gênero masculino ou feminino. Pode ser considerado um gênero não binário.

IDENTIDADE DE GÊNERO
Como o indivíduo se identifica com o gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

IDENTIDADE SEXUAL
Como o indivíduo se identifica com o sexo. Pode ser considerado um gênero não binário.

HETERONORMATIVIDADE

LGBTQIA+
Sigla que representa a comunidade LGBTQIA+. Pode ser considerado um gênero não binário.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
Direito de cada indivíduo de expressar seu gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

LINGUAGEM INCLUSIVA
Linguagem que respeita e reconhece a diversidade de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

LGBTQIA+

MASCULINO/MASCULINIDADE
Indivíduo que se identifica com o gênero masculino. Pode ser considerado um gênero não binário.

MULHER
Indivíduo que se identifica com o gênero feminino. Pode ser considerado um gênero não binário.

MASCULINIDADE
Traços de gênero que são associados a um determinado gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

MASCULINO/MASCULINIDADE

ENBY
Indivíduo que não se conforma com as expectativas de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

NÃO BINÁRIO A E ENBY
Indivíduo que não se conforma com as expectativas de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

NÃO BINARIEDADE
Estado de não conformidade com as expectativas de gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

ENBY

PANGÊNERO A E
Indivíduo que se identifica com todos os gêneros. Pode ser considerado um gênero não binário.

PRIDE ORGULHO LGBTQIA+
Evento anual que celebra a comunidade LGBTQIA+. Pode ser considerado um gênero não binário.

POLIGÊNERO A E
Indivíduo que se identifica com múltiplos gêneros. Pode ser considerado um gênero não binário.

PANGÊNERO A E

AFAB
Indivíduo que nasceu com um sexo atribuído na nascença diferente do seu gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

AFAB
Indivíduo que nasceu com um sexo atribuído na nascença diferente do seu gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

AFAB
Indivíduo que nasceu com um sexo atribuído na nascença diferente do seu gênero. Pode ser considerado um gênero não binário.

AFAB

TRANSGÊNERO
Indivíduo cujo gênero não corresponde ao sexo atribuído na nascença. Pode ser considerado um gênero não binário.

TRANSGÊNERO
Indivíduo cujo gênero não corresponde ao sexo atribuído na nascença. Pode ser considerado um gênero não binário.

TRANSGÊNERO
Indivíduo cujo gênero não corresponde ao sexo atribuído na nascença. Pode ser considerado um gênero não binário.

TRANSGÊNERO



Figura 39 e 40. Fotografias da zine "Sexo dos Anjos"



Figura 41 e 42. Fotografias da zine "Sexo dos Anjos"



Figura 43 e 44. Fotografias da zine "Sexo dos Anjos"



CONCLUSÃO

“Graphic design has a part to play in creating a visual culture that empowers and enlightens, that makes ideas and information accessible and memorable.” (Howard, 1994).

A responsabilidade no trabalho de ilustração e design, passa por utilizar os recursos disponíveis da melhor forma possível e ter consciência das implicações de cada projeto. No contexto acadêmico, este projeto sublinha a importância do papel de intervenção social destas áreas de estudo. Ao longo desta investigação tanto prática como da revisão da literatura ficou claro que o papel social do design e da ilustração é multifacetado e desempenha funções significativas na sociedade. No que diz respeito a esta investigação, existem alguns aspetos-chave que correspondem ao impacto social destas áreas/disciplinas.

No sentido de aprimoramento estético, o design e a ilustração contribuem em diversos aspetos da vida quotidiana, pela capacidade de tornar produtos, espaços e experiências mais visualmente apelativos e compreensíveis, acautelando aspetos menos visíveis ou ‘abafados’ pela normatividade. Além disso, são ferramentas de comunicação, essenciais para transmitir informações, ideias e mensagens, ajudam a simplificar conceitos complexos, tornando-os acessíveis a um público amplo, um atributo particularmente importante em campanhas de educação, conscientização pública, jornalismo, e claro publicidade. Na educação, o design e a ilustração desempenham um papel fundamental, podendo tornar materiais educativos mais envolventes e eficazes, facilitando a aprendizagem e a disseminação do conhecimento. Como formas de expressão têm uma influência significativa na cultura, muitas vezes refletem e contribuem para a identidade e expressão cultural, captando a essência de uma cultura, época ou movimento social, ajudando a comunicar e a preservar património e valores culturais. Assim, no panorama social, podem ser fortes ferramentas de advocacia e ativismo, com o potencial de aumentar a conscientização sobre questões sociais e ambientais importantes, inspirar mudanças e mobilizar comunidades para ações positivas. No sentido de comentário social, muitas vezes, pessoas artistas, ilustradoras e designers utilizam o seu trabalho para abordar questões sociais e políticas, desencadeando conversas importantes e desafiando normas sociais. Comentários sobre a sociedade e caricaturas políticas, por exemplo, têm o poder de fornecer observações contundentes sobre eventos atuais, levando-nos a refletir sobre o mundo que nos rodeia. Em resumo, a ilustração e o design, como ferramentas versáteis e influentes com parte integral na sociedade e na cultura, que moldam e contribuem para a nossa experiência coletiva, precisam e podem desenhar em vários papéis. Um papel importante é o papel social.

Ao longo da investigação do contexto educativo português e da sua abordagem em torno das questões de identidade e expressão de género, foi possível perceber que mesmo com uma legislação protetora da



comunidade LGBTQIA+, a exploração destes assuntos beneficiaria de mais investimento e aplicação, fomentando a receptividade destes temas. As observações realizadas durante o trabalho de campo permitiram verificar que existem diversas iniciativas em Portugal que procuram dar visibilidade e melhorar o acolhimento da comunidade LGBTQIA+, sendo perceptível a necessidade de mais colaboração e apoio em diferentes frentes. A zine desenvolvida neste projeto apresenta-se como mais uma ferramenta pedagógica de apoio, fornecendo informação essencial para a exploração destes assuntos, e um marcador de visibilidade para pessoas não normativas que procuram uma forma de descrever e explorar a sua identidade.

A conclusão deste projeto e a publicação no Manual KINDER, foram os primeiros passos no caminho para chegar a um conjunto mais alargado de públicos e existe a intenção de continuar a divulgar e a partilhar a zine. A criação de uma versão digital numa plataforma online será um próximo passo, que pode responder às questões de acessibilidade a diferentes comunidades de leitura que usam a internet, garantindo que o projeto será mais inclusivo. O trabalho desenvolvido até aqui com esta investigação teve também claras preocupações de contribuição para a inclusividade através de decisões práticas, metodológicas, estéticas e linguísticas, e que não se esgotam neste projeto. Coloco ainda em perspectiva a realização de mais projetos editoriais semelhantes sobre outras temáticas de pertinência social, devidamente adaptados a cada contexto, que abordem diferentes questões relativas à comunidade LGBTQIA+ e a outros grupos vulnerabilizados pela sociedade e que beneficiariam de mais visibilidade, compreensão e reconhecimento, intencionando ainda a colaboração com mais pessoas ilustradoras com relação a estas comunidades.





REFERÊNCIAS

Alcaire, R. (2023) Identidades e Sexualidades: acolher e celebrar a diversidade na escola. Em Moura, T., et al. (Eds.), KINDER — Desconstrução de estereótipos desde a infância (pp. 67 - 87). Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. ISBN: 978-989-8847-57-7.

Ávila, R. (2018). LGBTQI Inclusive Education Report. IGLYO, Brussels, pp. 161--164. [2021], de <https://www.education-index.org/download-report/>

Barker, Meg-John, & Scheele, Julia. (2016). Queer: A Graphic History: Icon Books Ltd.

Brook. (2019). Terminology Guide - November 2019. Truro: Brook Young People. [2020], de <https://www.brook.org.uk>

Butler, J. (2017). Problemas de Género (1.ª edição). Orfeu Negro. EAN 9789898868091.

Calado, Isabel. (1994). A utilização educativa das imagens. Porto: Porto Editora.

DN/Lusa. (2022). “Caso Cidadania”. Tribunal de Menores de Famalicão decide destino dos alunos. Diário de Notícias. [2023], de <https://www.dn.pt/sociedade/caso-cidadania-tribunal-de-menores-de-famalicao-decide-destino-dos-alunos-15439280.html>

DRE. (2009). Lei n.º 60/2009. [2021], de <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/494016/details/normal?q=Lei+n.%C2%BA%2060%2F2009>

DRE. (2018). Lei n.º 38/2018. [2021], de <https://dre.pt/pesquisa/-/search/115933863/details/maximized>

DGE. (2016). Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. [2021], de <http://dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

Duncombe, S. (2008). Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture. Bloomington. Microcosm Publishing. Second Edition.



Estrela, J. (2020). Making of do livro “Menino, menina”. [2022], de <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/making-of-do-livro-menino-menina/>

Garland, K. (1964). First Things First. Disponível em <http://www.designishistory.com/1960/first-things-first/>

Glossário Feminista Ilustrado [Exposição]. (2022). Casa da Esquina, Coimbra, Portugal. Amargo, Biakosta e Namorado, F. [2021], de <https://www.dgartes.gov.pt/pt/evento/4979>

Guedes, N. (2019). Educação sexual: escolas confirmam que não cumprem lei com uma década. TSF. [2021], de <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/educacao-sexual-escolas-confirmam-que-nao-cumprem-lei-com-uma-decada-11435753.html>

Heller, S. (2018). Citizen Designer: Perspectives on Design Responsibility. New York: Allworth Press. [2021], de <https://pt.scribd.com/read/396696000/Citizen-Designer-Perspectives-on-Design-Responsibility-Second-Edition>

Helfand, J. (2018). Between Self and Society —The Consequences of Our Desire. Em Steven Heller & Véronique Vienne (Eds.), Citizen designer : perspectives on design responsibility (Second edition. ed.). New York: Allworth Press.

Howard, A. (1994). There is such a thing as society*. Em Eye (Ed.), Issue 13. [2021], de <http://www.eyemagazine.com/feature/article/there-is-such-a-thing-as-society>

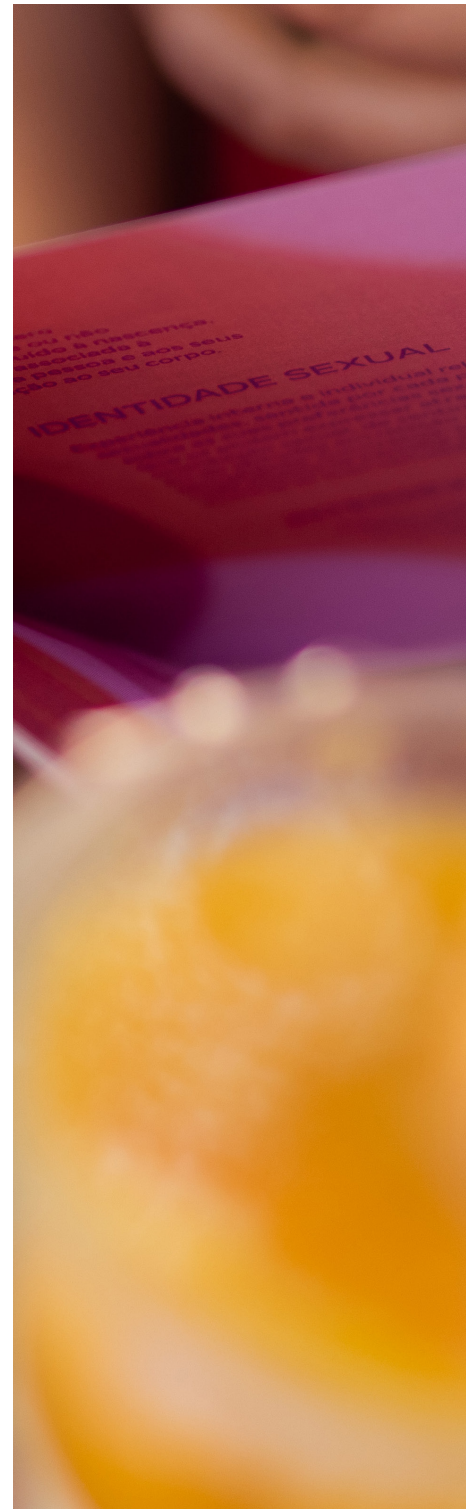
ILGA Portugal. (2020). Relatório Anual 2019 Discriminação Contra Pessoas LGBTI+. [2021], de https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_Relatorio_Discriminacao_2019.pdf

ILGA Portugal. (2023). Porque Existimos. [2023], de <https://ilga-portugal.pt/associacao/porque-existimos/>

ILGA Portugal. (2023). Schools Out. [2023], de <https://ilga-portugal.pt/projetos/schools-out/>



- Launius, Christie, & Hassel, Holly. (2018). Threshold concepts in women's and gender studies: ways of seeing, thinking, and knowing (Second edition. ed.). New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Mady G. and Jules Zuckerberg. (2019). A Quick & Easy Guide to Queer and Trans Identities. Limerence Press. ISBN-13: 9781620105863.
- Marques, N. (2020). A polémica à volta da Cidadania e Desenvolvimento. Expresso. [2021], de <https://expresso.pt/sociedade/2020-09-05-A-polemica-a-volta-da-Cidadania-e-Desenvolvimeto>
- Matos, J. e Rodrigues, I. (2021). Guia sobre Saúde e Leis Trans em Portugal: Recursos e Procedimentos. (1a edição). Lisboa: rede ex aequo - associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes.
- McCoy, K. . (2018). Good Citizenship — Design as a Social and Political Force. Em Steven Heller & Véronique Vienne (Eds.), Citizen designer : perspectives on design responsibility (Second edition. ed.). New York: Allworth Press. +
- Moura, T., et al. (2023). KINDER — Desconstrução de estereótipos desde a infância. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. ISBN: 978-989-8847-57-7. [2023], de <https://kinder.ces.uc.pt/resources/manual-kinder/>
- Oliveira, J. M. (2017). Prefácio. Em J. Butler, Problemas de Género (1.a edição, pp. Páginas do Prefácio). Orfeu Negro. EAN 9789898868091.
- Pizmony-Levy, O., Freeman, C., Moleiro, C., Nunes, D., Gato, J., Leal, D., Jesus, M. (2016/2017). Estudo Nacional sobre o Ambiente Escolar. ILGA. [2021], de https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/ILGA_ENAE_2016-2017.pdf
- Planeta Tangerina. (n.d.). Menino, Menina. [2022], de <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/menino-menina/>
- PNL 2027. (2017). Plano Nacional de Leitura. Quem Somos. [2023] de https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html?cat_quemsomos=quemsomos



Porto Editora – capacitismo no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. [2022], de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/capacitismo>

Porto Editora – idadismo no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. [2022], de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/idadismo>

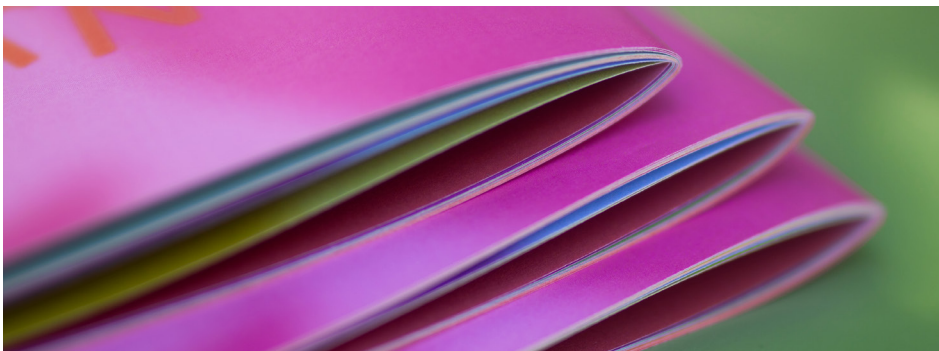
PPL. (2017). As Gavetas do Mundo - um livro para desarrumar ideias. [2022], de As Gavetas do Mundo - um livro para desarrumar ideias | PPL

Santos, A. , Torres, A., Nogueira, C., Vieira, C., Oliveira, J. M., Amâncio, L., Pereira, M. M. e Ferreira, V. (2017). Reforçar o Sucesso e a Excelência dos Estudos de Género em Portugal: Recomendações ao nível de Políticas para a Ciência, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género - ISCSP Lisboa.

Stewart, Jay. (2017). Academic Theory. In *Critical and applied approaches in sexuality, gender and identity* (pp. xv, 306 pages). London: Palgrave Macmillan.

Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C. (2021). isto não é um glossário: in/definições de géneros e sexualidades. (1.a edição eletrónica). Porto: gentopia - Associação para a Diversidade e Igualdade de Género.

Watson, Katherine. (2005). Queer Theory. *Group Analysis*, 38 (1), 67-81. doi:10.1177/0533316405049369





ANEXOS

ANEXO 1 • LISTA DE CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A - PÁG. 1

AGÊNERO/A/E

Pessoa com identidade/identificação de género neutra (vd. género neutro). Pessoa que não se identifica com nenhum género. Pessoa que recusa o género no desenvolvimento dos seus processos identitários.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 11)

ALIADO/A/E

Alguém que, independentemente das suas pertenças a determinadas categorias (e.g., idade, classe, género, racialização, etnia, orientação sexual, identidade de género, nacionalidade, religião, etc.), se associa a lutas pela defesa dos direitos humanos de populações histórica, económica e socialmente excluídas.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 11)

ANDRÓGINO/A/E

Alguém ou algo que não se distingue entre masculino ou feminino, género neutro ou sem género.

Tradução livre. No original “Someone or something that is neither distinguishably masculine nor feminine, both masculine and feminine, gender neutral or non-gendered.” (Brook, 2019, pp. 3-4)

AUTODETERMINAÇÃO

Direito humano para que cada pessoa seja agente causal da sua vida, faça escolhas autodeterminadas, tenha uma participação ativa na sua vida e na sociedade, e possa tomar decisões sobre si, sobre o seu corpo e sobre a sua expressão de género, de acordo com a sua autoidentificação.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 14)

AUTOIDENTIFICAÇÃO

Processo de subjetificação através do qual

uma pessoa designa uma identificação de si que traduz a sua experiência e vivência em determinada categoria (e.g., género, orientação sexual, identidade/ identificação de género, religião, etc.), definindo, por conseguinte, idiosincrasias e denominações.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 14)

B - PÁG. 2

BIGÊNERO/A/E

Alguém cujo género é constituído por dois géneros que podem ser experienciados ao mesmo tempo ou em momentos diferentes. Tradução livre. No original “Someone whose gender is made up of two separate genders which may be experienced at the same time or at different times.” (Brook, 2019, p. 4)

BINÁRIO

Noção redutora de género que o delimita a dois pólos opostos: feminino/mulher e masculino/homem.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 41)

BINDING | PACKING

Binding - Quando se comprime o peito de maneira a obter um aspecto mais liso. Para este efeito alguns métodos possíveis são o uso de um binder próprio para o efeito, um sutiã de desporto ou faixas elásticas — fitas de cinesiologia como as usadas para fins desportivos (procurar “transtape” por exemplo). Fazer a compressão do peito pode ter resultados negativos para a saúde quando mal feito. Convém investigar bem e considerar as melhores opções para a pessoa tendo em conta a sua saúde e corpo. O principal cuidado a ter é usar tecidos que não magoem a pele e que apenas comprimam a parte da frente do peito. Devem ser elásticos na restante caixa torácica de modo a permitir a respiração.

Packing - Uso de próteses ou objetos que dão a

sensação e/ou aparência da pessoa ter um pénis.

Pode passar por arranjar um packer online ou por métodos mais caseiros. Para ambos existem muitos tutoriais e recomendações no Youtube, por exemplo. Podem ter várias funções, desde criar volume, urinar de pé, penetração, masturbação, entre outros.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 13)

BUTCH

Alguém cuja aparência exterior e maneirismos são tradicionalmente associados à masculinidade.

Tradução livre. No original “Someone whose outward appearance and mannerisms are traditionally associated with masculinity.” (Brook, 2019, p. 5)

C - PÁG. 3

CARACTERÍSTICAS SEXUAIS

Conjunto de atributos físicos e biológicos que abrange as características sexuais primárias, como por exemplo os órgãos genitais (vulva, vagina, pénis), os níveis hormonais, e as características sexuais secundárias, manifestas nomeadamente em massa muscular, mamas, distribuição capilar, altura e tom de voz. estas características são conservadoramente agrupadas em duas categorias distintas (vd. mulher, homem), contudo, a grande variedade de características organiza-se ao longo de um espectro de inúmeras combinações, sendo que todos os corpos são diferentes e existe muita variabilidade para além dessas duas categorias.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 20)

CISGÊNERO/A/E | CIS

Pessoa cuja identidade/identificação de género corresponde ao sexo/género binário que lhe foi atribuído à nascença.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 21)

C - PÁG. 4

CIRURGIA DE AFIRMAÇÃO SEXUAL

Cirurgias de alteração de características sexuais, sejam primárias (e.g., faloplastia, vaginoplastia) ou secundárias (e.g., mastectomia, mamoplastia de aumento). (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 20)

CISSEXISMO

A crença de que as pessoas trans são inferiores às pessoas cisgênero com base na suposição de que ser cisgênero é “normal” e preferível, e ser transgênero é “anormal”. O cissexismo é também uma forma de discriminação indireta baseada em não ter em conta a existência de pessoas trans como iguais às pessoas cis. Tradução livre. No original “The belief that trans people are inferior to cisgender people based on the assumption that being cisgender is “normal” and preferable being transgender is “abnormal”. Cissexism is also a form of indirect discrimination based on not taking into account the existence of trans people as equal to cis people.” (Brook, 2019, p. 5)

CISNORMATIVIDADE

Sistema de crenças tácitas que institucionalizaram o sistema de sexo e gênero como binário e absoluto. Este sistema contribui para uma organização social que apenas contempla pessoas cisgênero (vd. cisgênero), ou seja, privilegia as experiências, vivências e necessidades destas pessoas em detrimento de pessoas não cisgênero. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 21)

CROSSDRESSER | CROSSDRESSING

Utilização, regular ou ocasional, de vestuários e acessórios socialmente atribuídos a um sexo/gênero que não o atribuído à nascença da pessoa crossdresser. alguém que se identifique como crossdresser, pessoa que pratica crossdressing, pode ser

cisgênero ou transgênero, pois é uma questão que não se relaciona necessariamente com identidade. o crossdressing pode representar uma exploração simbólica num território que desafia a noção de gênero como binário. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 22)

D - PÁG. 5

DEADNAMING

Usar o nome antigo de alguém, geralmente o nome que lhe foi dado à nascença, em vez do seu nome escolhido. Isto refere-se geralmente à utilização intencional ou maliciosa do nome antigo de uma pessoa trans.

Tradução livre. No original “Using someone’s previous name, usually the name that they were given at birth, rather than their current chosen name. This usually refers to intentionally or maliciously using a trans person’s previous name” (Brook, 2019, p. 7)

DISFORIA DE GÊNERO

Termo médico utilizado para descrever a angústia ou desconforto que uma pessoa pode sentir quando o seu sexo atribuído à nascença não corresponde ao seu gênero. As pessoas trans podem experienciar diferentes graus de disforia de gênero, e não é algo experienciado por todas as pessoas trans. Tradução livre. No original “Medical term used to describe the distress or discomfort that a person may experience when their sex assigned at birth does not match with their gender. Trans people may experience varying degrees of gender dysphoria, and it is not something that is experienced by all trans people.” (Brook, 2019, p. 10)

DRAG

A representação, muitas vezes teatral ou exagerada, de um ou vários gêneros num contexto de entretenimento ou performance. Os performers são frequentemente chamados de Drag Kings e Drag Queens, dependendo

do tipo de gênero que representam. Os Drag Kings e Queens podem ser pessoas de qualquer gênero ou orientação sexual. Tradução livre. No original “The, often theatrical or exaggerated, performance of one or multiple genders in an entertainment or performance context. Those who perform are often called Drag Kings and Drag Queens depending on the type of gender they perform. Drag Kings and Queens can be people of any gender or sexual orientation.” (Brook, 2019, p. 7)

E | F - PÁG. 6

EUFORIA DE GÊNERO

A euforia de gênero é o sentimento de felicidade e confiança que experienciamos quando nos sentimos alinhados com o nosso gênero. No caso de pessoas transgênero e/ou não-binárias, cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído à nascença, esta sensação de euforia é particularmente importante para contrariar o sentimento de desconforto e tristeza provocados por serem percebidas de uma forma que não corresponde à realidade. (Glossário Feminista Ilustrado, 2022)

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Crenças amplamente partilhadas pela sociedade sobre gênero, como categoria essencialista e binária que determina duas possibilidades de existência – estereótipo feminino e estereótipo masculino. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 32)

EXPRESSÃO DE GÊNERO

É o conjunto das características de uma pessoa que são visíveis para o exterior (vestuário, acessórios, penteados, timbre de voz, maneirismos, entre outras coisas) e sugerem a pertença a um determinado gênero. Por exemplo, feminilidade, masculinidade e androginia. Pode ser mais

tradicional ou disruptiva. A leitura que é feita pela sociedade pode ou não corresponder à identidade de género sentida pela pessoa. (Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

FLUIDEZ DE GÉNERO

Termo usado por pessoas cuja identidade e/ou expressão de género muda ou flutua ao longo do tempo. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 37)

FEMININO/A/E | FEMINILIDADE

Termo criado para descrever as características físicas, emocionais e sociais, rigidamente atribuídas e impostas às pessoas identificadas à nascença como mulher. atualmente, apesar de muitas pessoas continuarem a reiterar esta conceção binária e heteronormativa, cada vez mais pessoas constroem e significam de forma múltipla e subjetiva a sua feminilidade, subvertendo as imposições (culturais, ideológicas, sociais, relacionais...) de género. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 36)

FEMME

Alguém cujas aparências e maneirismos exteriores estão tradicionalmente associados à feminilidade. Tradução livre. No original "Someone whose outward appearances and mannerisms are traditionally associated with femininity." (Brook, 2019, p. 8)

G - PÁG. 7

GENDERQUEER

termo guarda-chuva que se refere a des/identificações e expressões de género que recusam o género binário e a cisnormatividade. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 40)

GÉNERO

É uma construção social decorrente do

contexto histórico e cultural. Engloba os conceitos de identidade e expressão de género, usualmente numa perspectiva binária em que existem dois conjuntos de características, comportamentos, entre outros, que são exclusivos de cada conjunto e opostos na sua essência, comumente associados à biologia sexual das pessoas. (Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

Género atribuído à nascença

Associado ao sexo atribuído à nascença.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

GÉNERO-FLUÍDO

Alguém cujo género não é fixo; o seu género pode mudar lenta ou rapidamente ao longo do tempo e pode alternar entre diversas identidades e expressões de género, uma vez que a experiência de fluidez de género é única para cada pessoa género-fluída.

Tradução livre. No original "Someone whose gender is not fixed; their gender may change slowly or quickly over time and can switch between any number of gender identities and expressions, as each gender fluid person's experience of their fluidity is unique to them." (Brook, 2019, p. 10)

GÉNERO-NEUTRO

Uma forma de linguagem que tem como objetivo eliminar a referência ao sexo/ género na descrição das pessoas, incluindo a utilização de linguagem não binária inclusiva e a utilização de pronomes pessoais neutros. em vez de utilizar o falso neutro para a referência ao plural de, por exemplo, "amigos", ou uma descrição binária dessa palavra, como "amigo/a", uma aplicação de género neutro concretiza-se em "amigues(s)". os pronomes pessoais de género neutro podem ser el, il, elu, ou outro formato, prevalecendo a escolha pessoal. uma pessoa que se identifique como tendo um género neutro pode identificar-se como agénero (vd. agénero). este termo pode também ser aplicado a vestuário, brinquedos

ou outros produtos que não se associem com a sua aplicabilidade a um sexo/género (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 42)

GÉNERO NÃO CONFORME

Identidade, comportamento ou expressão de género que não se coaduna com as normas de género (re) produzidas socialmente como binárias e absolutas. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 42)

H | I - PÁG. 8

HETERONORMATIVIDADE

Sistema de crenças tácitas que institucionalizaram a heterossexualidade. este sistema torna o "homem" a figura dominante, continuando a ser o paradigma prevalente na sociedade ocidental. A heteronormatividade é responsável pela manutenção da heterossexualidade como norma para pensar o comportamento de toda a humanidade, denegrindo e marginalizando vivências fora desta norma.

Existem modalidades da heteronormatividade cada vez mais prevalentes na comunidade LGBTQIA+ que importa mencionar: a homonormatividade, a transnormatividade e a cisnormatividade. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 45)

HOMEM

Identidade/ identificação (binária) quanto ao género. pessoa que se identifica como um homem.

Homem cis é alguém a quem foi atribuído um sexo/género masculino à nascença e se identifica com o sexo/género homem. homem trans é alguém a quem foi atribuído um sexo/género feminino à nascença e se identifica com o sexo/género homem.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 47)

IDENTIDADE DE GÉNERO

A profunda experiência de género interna e individual, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença, e que pode ou não estar associada à expressão de género da pessoa e aos seus sentimentos em relação ao seu corpo.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

IDENTIDADE SEXUAL

Experiência interna e individual relativa às sexualidades, sentida por cada pessoa, sobre as suas preferências sexuais e que se podem expressar através da orientação sexual, de sentimentos ou de atitudes em relação ao sexo e à sexualidade. concretiza-se no modo como cada pessoa se percebe sexualmente e vivencia as suas sexualidades.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 53)

INTERSEXO

Alguém cujas características sexuais biológicas não se encaixam no modelo médico binário de homem e mulher. Isto pode ser devido a diferenças nas características sexuais primárias e secundárias, incluindo genitais externos e internos, hormonas e/ou cromossomas.

Tradução livre. No original "A person whose biological sex characteristics don't fit into the binary medical model of male and female. This can be due to differences in primary and secondary sex characteristics including external and internal genitalia, hormones, and/or chromosomes." (Brook, 2019, p. 14)

I - PÁG. 9

INTERSECCIONALIDADE

Conceito estabelecido por Kimberlé Crenshaw como uma forma de ajudar a explicar a opressão das mulheres afro-americanas como sendo informada tanto pela sua etnia como pelo seu género, o termo é utilizado para se referir à abordagem de considerar a intersecção e sobreposição de

eixos de poder ou discriminação.

Tradução livre. No original "Coined by Kimberlé Crenshaw as a way to help explain the oppression of African-American women as being informed by both their ethnicity and their gender, the term is used to refer to the approach of considering intersecting and overlapping axes of power or discrimination." (Brook, 2019, p. 14)

LGBTQIA+

Sigla usada para referir de forma conjunta as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, transgénero, transexual, queer, intersexo, assexuais, aliades (vd. aliadas/os/es) + todas as diversas possibilidades de orientações sexuais, identidades/identificações e/ou expressões de géneros.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 60)

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Direito de uma pessoa manifestar livremente opiniões, ideias e pensamentos pessoais sem medo de retaliação ou censura por qualquer entidade governamental ou social. é um direito humano protegido pela declaração universal dos direitos humanos e pelas constituições de vários países democráticos, como é o caso de Portugal.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 60)

LINGUAGEM INCLUSIVA

É um instrumento de transformação social que, através da linguagem, promove a inclusão e não discriminação de todas as pessoas. traduz-se, principalmente, através de um olhar crítico sobre o quão genderizada a linguagem pode ser. uma linguagem inclusiva inclui movimentos nas seguintes direções: não utilização do masculino universal, (...); utilização dos identificadores de género preferidos e escolhidos pelas pessoas; menção ao género neutro quando aplicável; esforços para uma linguagem inclusiva não

binária, (...) como por exemplo a utilização dos seguintes pronomes emergentes não binários: el, ile, elu; adotar a utilização da letra "e" no lugar das letras "o" e "a", i.e., em vez de "todos" substituir por "todes"; já foi muito utilizado o "x" ou o "@", que eram usados no lugar do "e" (a grafia ficava "todxs" e tod@s"), mas considera-se atualmente que a utilização do "e" é mais inclusiva, pois leva em consideração as pessoas que têm deficiências visuais, já que alguns leitores ortográficos desconsideram palavras com "x" ou "@".

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 60)

M - PÁG. 10

MASCULINO/A/E

Termo criado para descrever o conjunto de características físicas, características emocionais, comportamentos e papéis sociais rigidamente atribuídas e impostas às pessoas identificadas à nascença como homens. atualmente, apesar de muitas pessoas continuarem a reiterar esta conceção binária e heteronormativa, cada vez mais pessoas constroem e significam de forma múltipla as masculinidades, quer no que diz respeito a si mesmas, quer relativamente à construção social das masculinidades e aos efeitos sociais e relacionais desta construção.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, pp. 64-65)

MISGENDER

O ato de referir o género errado de alguém ou de usar os pronomes errados (...). Geralmente diz respeito a referir-se incorretamente a uma pessoa trans de forma intencional ou maliciosa, também pode ser feito acidentalmente.

Tradução livre. No original "The act of referring to someone as the wrong gender or using the wrong pronouns (he, she, boy, sister, etc.). This usually refers to intentionally or maliciously

referring to a trans person incorrectly, but of course can also be done accidentally.” (Brook, 2019, p. 15)

MULHER

Identidade/identificação (binária) quanto ao gênero. uma pessoa que se identifica como uma mulher. mulher cis é alguém a quem foi atribuído um sexo/gênero feminino à nascença e se identifica com o sexo/gênero mulher. mulher trans é alguém a quem foi atribuído um sexo/gênero masculino e se identifica com o sexo/gêneromulher. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 67)

N - PÁG. 11

NÃO-BINÁRIO/A/E | ENBY | NB

Usado para descrever pessoas cujo gênero não se encaixa no binário de gênero. O termo pode ser usado por alguns como uma identidade em si e é também usado como um termo abrangente para os gêneros que não se encaixam no binário de gênero, tais como genderqueer, bigênero/a/e e gênero-fluído/a/e. Tradução livre. No original “Used to describe those whose gender does not fit into the gender binary. The term can be used by some as an identity in itself and is also used as an overarching term for genders that don't fit into the gender binary, such as genderqueer, bigender and gender-fluid.” (Brook, 2019, p. 16)

NÃO BINARIEDADE

Termo guarda-chuva que se refere a identidades e identificações de gênero para além da polaridade homem/mulher, seja pela identificação ou pela desidentificação com as categorias binárias referidas. contempla o gênero como múltiplo e distinto do binarismo de gênero e da cisnormatividade. reivindica múltiplas formas de se fazer o gênero. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 69)

NOME SOCIAL

Designação dada ao nome que as pessoas trans usam por sua vontade, quando este não corresponde ao nome legal que consta nos seus documentos de identificação. (Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

P - PÁG. 12

PANGÊNERO

Alguém cujo gênero é composto por diversos gêneros. Uma pessoa pangênero pode considerar-se um membro de todos os gêneros. Tradução livre. No original “Someone whose gender is made up of a number of different genders. A pangender person may consider themselves a member of all genders.” (Brook, 2019, p. 17)

PAPÉIS DE GÊNERO

Conjunto de expectativas sociais que determinam comportamentos, vestuário, atitudes, pensamentos, corporalidade, relacionamentos, entre outros, em função de atribuições à nascença e/ou identificações binárias de sexo/gênero. podem ser opressores da vivência humana autêntica, sendo que a maioria das pessoas, incluindo as que se identificam de forma binária quanto ao sexo/gênero, desafiam algumas das expectativas dos papéis de gênero. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 77)

POLIGÊNERO/A/E

Alguém que experiencia diversas identidades de gênero. Estas podem ser experienciadas ao mesmo tempo ou em momentos diferentes. Tradução livre. No original “Someone who experiences many gender identities. These can be experienced at the same time or at different times by the person.” (Brook, 2019,

p. 18)

PRIDE | ORGULHO LGBTQIA+

Ter uma visão positiva de pertença à comunidade LGBTQ+. Além disso, é uma celebração das culturas LGBTQ+, um protesto contra a discriminação enfrentada atualmente, e uma recordação de crimes passados e discriminação contra a comunidade. Tradução livre. No original “Having a positive view of membership of the LGBTQ+ community. Also, a celebration of LGBTQ+ cultures, protest at discrimination currently faced, and a reminder of past crimes and discrimination against the community.” (Brook, 2019, p. 19)

QUEER

Um termo abrangente ou guarda-chuva utilizado por alguns para descrever membros da comunidade LGBTQ+. Anteriormente utilizado como um termo de uso depreciativo foi recuperado por membros da comunidade, alguns membros da comunidade podem não querer utilizá-lo devido à sua história. Queer é visto por muitos como inerentemente político, pela sua reclamação e por estar também ligado à Teoria Queer dos anos 1990. O “Q” visto no final de LGBTQ+, refere-se tipicamente a queer e, menos frequentemente, a questionamento. Tradução livre. No original “An overarching or umbrella term used by some to describe members of the LGBTQ+ community. The term has been reclaimed by members of the community from previous derogatory use, and some members of the community may not wish to use it due to this history. Queer is also linked to 1990s Academic Queer Theory and for this reason as well as is reclamation, is seen by many and inherently political. When Q is seen at the end of LGBTQ+, it typically refers to queer and, less often, questioning.” (Brook, 2019, p. 19)

SEXO

Sexo (atividade sexual) fenómeno complexo, sendo as suas experiências produzidas e modificadas de acordo com um discurso sexual contextualizado, cultural e historicamente situado e em constante mutação.

Sexo biológico características bio/morfológicas que historicamente têm sido utilizadas para definir e distinguir seres humanos de forma binária, apesar de existir uma grande diversidade humana a este nível. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, pp. 84-85)

SEXUALIDADES

Termo que pretende traduzir a diversidade de formas através das quais as pessoas experienciam e se expressam ao nível sexual. pode envolver, ou não, comportamentos, pensamentos e/ou sentimentos a qualquer nível, seja físico, emocional, erótico, de desejo, de afeto, entre outros. as sexualidades são construídas e significadas através do enquadramento sociocultural. (Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 86)

SEXO ATRIBUÍDO À NASCENÇA

Expressão usada para distinguir o conceito da biologia sexual e o sexo legal binário que os profissionais de saúde atribuem aos bebés à nascença, avaliando apenas com base nos seus órgãos genitais não considerando os restantes componentes da biologia sexual humana (características sexuais). Este por norma vem acompanhado de um género que também é consequentemente atribuído à nascença e que influencia a maneira que a criança é educada e inserida na sociedade. Este não define a futura identidade de género que é autodeterminada pela pessoa nem a sua expressão de género.

AFAB — Assigned Female At Birth

Atribuído o Sexo Feminino À Nascença

AMAB — Assigned Male At Birth

Atribuído o Sexo Masculino À Nascença

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

T - PÁG. 14**TERCEIRO GÉNERO**

Os termos terceiro género e terceiro sexo descrevem indivíduos que não são considerados nem mulheres nem homens, sendo também utilizados para descrever a categoria social presente nas sociedades que reconhecem três ou mais sexos. O estado de não ser nem masculino nem feminino pode ser compreendido em relação ao sexo biológico, papel de género, ou identidade do género. Para diferentes culturas ou indivíduos, um terceiro sexo ou género pode representar um estado intermédio entre homens e mulheres, um estado de ser ambos (...) o estado de não ser nenhum (neutro), a capacidade de cruzar ou trocar de género, ou outra categoria completamente independente de homem e mulher.

Tradução livre. No original "The terms third gender and third sex describe individuals who are considered to be neither women nor men, as well being used to describe the social category present in those societies who recognise three or more genders. The state of being neither male nor female may be understood in relation to the individual's biological sex, gender role, or gender identity. To different cultures or individuals, a third sex or gender may represent an intermediate state between men and women, a state of being both (...), the state of being neither (neuter), the ability to cross or swap genders, or another category altogether independent of male and female." (Brook, 2019, p. 22)

TRANS

Termo abrangente para designar pessoas que não se identificam com o género atribuído à nascença, que podem querer ou não fazer modificações corporais para se sentirem melhor consigo mesmas e com sua identificação. Incorpora identidades como "homem trans" e "mulher trans" e também identidades que não se enquadram no binário

masculino/feminino, como pessoas não-binárias. Anteriormente, eram habitualmente usados os termos "transexual" e "transgénero", contudo estes têm caído em desuso, sendo o termo "trans" o mais usado.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p. 5)

TRANSGÉNERO/A/E

Conceito guarda-chuva referente a indivíduos que não se identificam com o género associado ao sexo que lhes foi atribuído à nascença.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 91)

TRANSEXUAL | TRANSSEXUALIDADE

Termo médico, que data de 1850, criado para referir as pessoas que desejam que o seu sexo atribuído à nascença corresponda à sua identidade de género, mudando, assim, o seu corpo através de hormonas e/ou cirurgias. contudo, algumas pessoas identificam-se como transexuais e não desejam realizar nenhum tipo de intervenções.

(Teixeira, T., Grave, R., Aires, R. e Pereira, C., 2021, p. 90)

TRANSIÇÃO SOCIAL DE GÉNERO

Processo de uma pessoa trans se passar a apresentar socialmente (verbalmente, fisicamente, entre outros) de acordo com a sua identidade de género.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p.5)

TUCKING E USO DE SUTIÃS

Tucking é a prática de puxar o pénis para trás de forma a prendê-lo no sítio e torná-lo menos visível. Tal como em binding, há maneiras de o fazer que podem ser prejudiciais à saúde pelo que se deve investigar sempre as opções e procurar mais informação e tutoriais. Também se pode experimentar o uso de sutiãs almofadados ou usar roupas que criem a aparência desejada, tal como próteses mamárias externas (compradas ou feitas em casa), que podem ser colocadas por dentro de um sutiã.

(Matos, J.e Rodrigues, I., 2021, p.5)

